

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

JULIANA LIMA DE CARVALHO MADEIRA

**ESTRATÉGIAS ESCOLARES: escolarização de jovens de escolas privadas com
baixo rendimento escolar**

São Luís
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**ESTRATÉGIAS ESCOLARES: escolarização de jovens de escolas privadas com
baixo rendimento escolar**

JULIANA LIMA DE CARVALHO MADEIRA

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais, como requisito de obtenção dos graus de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Maranhão.

Orientador: Ms. Leandro Augusto Dos Remédios Costa

São Luís

2018

Madeira, Juliana Lima de Carvalho.

Estratégias escolares: escolarização de jovens de escolas privadas com baixo rendimento escolar / Juliana Lima Carvalho Madeira. – São Luís, 2018.

85 p.

Monografia (Graduação) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

Orientador: Prof. Me. Leandro Augusto dos Remédios Costa.

1. Escolarização das Elites. 2. Escolhas dos Estabelecimentos. 3. Desempenho Escolar. 4. Reforço Escolar I. Título.

**ESTRATÉGIAS ESCOLARES: escolarização de jovens de escolas privadas com
baixo rendimento escolar**

Monografia apresentada ao Curso
de Ciências Sociais, como
requisito de obtenção dos graus de
Licenciatura e Bacharelado em
Ciências Sociais pela Universidade
Estadual do Maranhão

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profº. Ms Leandro Augusto dos Remédios Costa (Orientador)

Profº. Dr. Antonio Paulino de Sousa (Universidade Federal do Maranhão)

Profº. Ms. José Antonio Ribeiro de Carvalho (Universidade Estadual do Maranhão).

Aos meus pais, Luís Sérgio e Eliene Carvalho, à minha irmã Luciene e à minha gata de estimação Buchão (*In memoriam*).

Agradecimentos

Esta é a parte a qual acho mais bonita de todo e qualquer trabalho, porque de nada adianta fazer um bom trabalho, se não souber reconhecer e agradecer a todas as pessoas as quais participaram de todo esse processo. Foi uma jornada muito intensa, árdua, cheia de altos e baixos, lágrimas, sorrisos, amizades construídas; e foram esses momentos que fizeram desse meu trajeto, algo particular.

E como seguidora do cristianismo, antes de quaisquer indivíduos, gostaria de agradecer a Deus – a Ele, toda honra e toda glória! Primeiramente pela conquista de ter sido aprovada no primeiro vestibular, pois de nada iria adiantar tanto estudo e esforço, se Ele não tivesse me mantendo calma a cada momento que eu sempre duvidei da minha capacidade. Segundamente, porque se não fosse por essa força, não sei como me manteria tão firme nesta caminhada que a cada período parecia mais difícil. E, terceiramente, pelo fato de ter entrado exatamente na turma de 2012, mesmo com toda sua multiplicidade.

Abaixo de Deus, agradeço a minha família, tanto materna quanto paterna, que sempre me ensinou que os estudos devem vir antes de quaisquer outras coisas. Então, serei sempre grata ao meu pai, o Seu Luís Sérgio Barros Madeira, pelos conselhos de que estudar é sempre o melhor caminho e por nunca ter medido esforços para que eu pudesse concretizar isso e pelos ensinamentos. À minha mãe, a dona Eliene Lima de Carvalho Madeira pelo apoio e aconchego. À minha irmã, que sempre foi uma inspiração como educadora (formada por esta Universidade) e que ajudou inclusive com indicações alunos, para que fosse possível fazer todas as entrevistas que instigaram o nascimento deste trabalho.

Não sei como agradecer à minha família MADEIRA e em especial, aos meus tios intelectuais: os historiadores - Eliab e Eliéser Barros, por todos os seus ensinamentos tanto de história quanto de política. Acreditem, eles foram essenciais para a minha formação, afinal, não se faz sociologia sem história. À minha tia Quésia Barros, a professora de letras com mais alma de assistente social que conheço. Sempre lutando pelas causas sociais, ensinando-me, mesmo que sem perceber, que nunca devemos perder a fé tanto nas pessoas quanto nas coisas.

Agradeço também à minha família LIMA DE CARVALHO e em especial, ao co-orientador, sociólogo e tio - professor Dr. Juarez Lopes de Carvalho Filho, que assim

que soube da minha aprovação no vestibular, fez questão de ligar-me oferecendo toda a ajuda possível.

Ao professor Dr. Antonio Paulino, que já me presenteou com algumas de suas obras e suas percepções sociológicas, que muito me ajudaram. Além de uma segunda Co orientação neste trabalho aqui.

Agradeço também às professoras e aos professores da academia, pois sem eles seria impossível tudo isso: Valdira Barros (aprendi muita política com essa mulher!), professora Marina (que ajudou no início do meu projeto monográfico a pensar em que tipos de perguntas eu poderia refletir para trabalhar a metodologia da pesquisa), professora Rosirene Martins (que na época de estágio licenciatura, quando falei que a partir dessa experiência, havia decidido estudar os casos de Socialização no âmbito educacional, ajudou a pensar como se poderia iniciar o projeto de pesquisa), à professora Helciane de Fátima (que desde 2014, quando a conheci, pedi para participar das suas reuniões de grupos de estudos, onde fui muito bem acolhida e que também avisou sobre processo seletivo do PIBID) e em especial, à professora Andréa Joana, que tive a chance de conhecer na disciplina de Sociologia, quando fui monitora em 2015, no curso de Administração; em 2016 -quando fui sua aluna na disciplina de “Planejamento Social” e iniciei minha trajetória nos estudos de educação - no subgrupo do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), na Escola C.E. Humberto de Campos, escola a qual também agradeço.

Aproveito para continuar os agradecimentos aos professores desta instituição ao professor José Domingos Cantanhede Silva – quem me notificou que no ano de 2016 eu estava passando a ser uma das pessoas pertencentes a este grupo PIBIDiano, no qual eu tive experiências muito enriquecedoras no campo do conhecimento sociológico, educativo, político (porque as discussões educativas não deixam de ser políticas também).

Os meus agradecimentos imensos ao meu orientador: Leandro Augusto dos Remédios Costa, que antes de mestre-professor, é um amigo desde a graduação e que me deixou muito feliz e orgulhosa, quando passou a fazer parte do quadro de professores da UEMA e mais ainda, quando aceitou ao meu convite de estudante desesperada, para me orientar neste trabalho.

E, também ao professor José Antonio Ribeiro de Carvalho, que desde quando lecionou a disciplina de “Sociologia da Educação”, durante o sexto período na turma a qual eu fazia parte, tem se tornado referência para mim no sentido de ensinar, aprender e corroborar com as formas de como melhor trabalhar a educação. E não foi à toa, que ele conquistou o cargo de novo Coordenador do PIBID, onde nos instigou a cada semana trabalhar/pesquisar algum artigo ou livro sobre: a educação, a sociologia educacional, políticas educacionais e afins.

O meu agradecimento e respeito também aos demais professores e professoras da Universidade Estadual do Maranhão, que dentro das suas disciplinas, se esforçaram ao máximo para oferecer explicações acerca dos conteúdos necessários dentro da academia e em especial, aos do curso de Ciências Sociais.

Gratidões aos colegas e amigos do PIBID, tanto aos que já saíram da academia antes de mim quanto aos que permanecem: Pâmela Protázio, Adriana, Leyna, Ariane Oliveira, Andreza Júlia, Veronica França e em especial ao subgrupo - Humberto de Campos, onde foi muito enriquecedor e próspero de trabalhar nas companhias de: Hozana Amorin, Suzenny Dutra, Luciana Freitas, Weslhya Patrícia e Sabrine Raissa (que pôde compartilhar um pouco da sua presença conosco, inclusive no primeiro ENID - Encontro Nacional de Iniciação à Docência – o qual foi o primeiro o qual participei, pela UEMA.) e as companheiras mais recentes de luta: Lina Garcia e Maria Izabel. Obrigada a todas, pela troca de saberes, energia e pensamentos positivos, principalmente neste momento raro de fechamento de um ciclo.

E em especial às pessoas que se tornaram grandes companheiras fora da academia também -Turma de 2012: vou começar por ordem alfabética da “Família Uemiana”, para não brigarem por preferência: Ana Caroline Castro, Anna Karina Prazeres, Camila Maia, Eline Conceição, Ingrid Verde, Karine Costa e Luciane Oliveira. Ainda dessa turma – os meus agradecimentos à Gisele Moreno. e à Débora Nayane.

Sou grata também aos amigos que conheci nos anos seguintes, ainda na academia Aérica Malheiros, Joarlison, Naydy, Yasch Frazão, Myrlla Luna, Simone Seguins, Letícia Frazão, Carla Meneses, Luiza Amanda, Hisaac Braga, Magno Cruz – por toda a troca de energias boas, risadas, teorias sociológicas às avessas, conversas, conselhos e por sempre estarem me levantando a cada queda.

Minhas gratidões em especial à Maria Fernanda Gonzaga e ao Rômulo Leonardo Leal, por estarem sempre comigo – em todos os momentos, desde quando começamos a nos falar nos corredores da fazendinha. Eu não tenho palavras para descrever como é bom tê-los conhecido.

Aos amigos do Curso de Espanhol: Thales Sanches e Soraya Roberta, por todos os nossos momentos de descontração e aprendizado.

Ao Edson Dias, companheiro de curso, de PIBID e que foi/é uma das pessoas muito essenciais à realização deste trabalho, pois foi quem indicou o campo do Instituto Possibilitar e contribuiu com informações importantíssimas referentes a esse campo.

Agradeço às Instituições e seus membros: Escola São José e Instituto Possibilitar, em especial às psicopedagogas de cada instituição: (do São José) e (do Instituto Possibilitar). Aos alunos e alunas tanto, jovens e crianças que se dispuseram a relatar sobre suas vidas pessoais e escolares.

E às amigas mais antigas, dos tempos de infância e escola que me viram entrar na Universidade e comemoraram comigo: Karina Martins, Daniel Berg, Fernanda Maciel, Raymara Medeiros, Dayse Resende, Larissa Chagas, Fernanda Oliveira, Ana Aline e Igor Leonardo.

Aos amigos de vida: Thayná Almeida, Ariella & Allana Barros, Nayara Louzeiro, Bruno Filgueiras, Lindsay Guilherme e Ítalo Bruno (*In memoriam*), por sempre me darem forças positivas para que eu pudesse formar logo e seguir com os meus projetos. Ao amigo Sanley Viegas por me ajudar com algumas informações.

Às amigas desde o cursinho pré-vestibular: Maria Regina e Regiane Araújo, por todos os momentos alegres e sábios vividos antes e durante a academia, que tivemos a chance de ingressar e em especial à Eliane Silva, que nos últimos anos se tornou uma grande amiga, não deixando de me dar uns esporros quando necessário para que eu pudesse me superar a cada período que eu dizia que ia desistir da academia.

E a todos os que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

“O próprio adulto ainda tem muito a aprender, e sempre terá, e ele não possui outros professores a não ser a própria vida.”

(Émile Durkheim)

RESUMO

ESTRATÉGIAS ESCOLARES: escolarização de jovens de escolas privadas com baixo rendimento escolar

O trabalho busca explicar como processos de escolarização podem revelar as estratégias de escolha dos pais, referentes ao tipo de instituição escolar para seus filhos. Definiu-se como campos empíricos principais: uma escola de classe média (São José), um Reforço Escolar (Instituto Possibilitar) e um caso de educação doméstica, da cidade de São Luís -Ma. Trata-se de escolas privadas: algumas estão inseridas em um contexto de classe média, outras de classe mais elevada. Esta análise se situa no âmbito da sociologia da educação com ênfase na escolha dos estabelecimentos de ensino, no desempenho e dificuldades de jovens estudantes, tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio. Após uma revisão da literatura específica sobre estas categorias analíticas, buscou-se construir o espaço das escolas tanto de “elites” quanto de classes médias da grande ilha de São Luís. A partir das análises feitas diante das entrevistas e conforme observações acerca dos alunos e suas “limitações” (níveis de timidez, introspecção, falta de concentração), foi feito o uso de algumas teorias referentes às ideias de estratégias, *habitus*, posição social, escolarização das classes sociais: elite e classes médias; reforço escolar e dificuldades escolares. O estudo revela os processos constantes de mudanças escolares dos jovens e crianças entrevistados devido às escolhas dos pais a partir de diversos fatores – que variam tanto no que se referem aos valores econômicos das escolas selecionadas e a condição econômica das famílias até o baixo rendimento escolar dos filhos, o que pode ser um motivo muito considerativo para mudá-los de escola.

Palavras-chave: Escolarização das elites; Escolha dos Estabelecimentos; Desempenho Escolar; Reforço Escolar.

ABSTRACT

SCHOOL STRATEGIES: schooling of young people from private schools with low school performance

The paper seeks to explain how schooling processes can reveal parents' strategies of choice regarding the type of school institution for their children. It was defined as the main empirical fields: a middle class school (São José), a School Reinforcement (Instituto Enable) and a case of domestic education, in the city of São Luís-Ma. These are private schools: some are in a middle-class context, others are of a higher class. This analysis is part of the sociology of education, with emphasis on the choice of educational institutions, in the performance and difficulties of young students, both in Elementary and High School. After a review of the specific literature on these analytical categories, we tried to construct the space of the schools of both elites and middle classes of the great island of São Luís. Based on the analyzes made before the interviews and as observations about the students and their "limitations" (levels of shyness, introspection, lack of concentration), was made use of some theories referring to the ideas of strategies, habitus, social position, schooling of social classes: elite and middle classes; school reinforcement and school difficulties. The study reveals the constant processes of school changes of the youngsters and children interviewed due to the parents' choices based on several factors, which vary both with regard to the economic values of the selected schools and the economic condition of the families to the low school performance of the children. children, which can be a very considerate reason to change them from school.

Keywords: Schooling of elites; Choice of Establishments; School performance; School reinforcement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1: A ESCOLARIZAÇÃO DAS ELITES E OS MEIOS DE SOCIALIZAÇÃO NOS AMBIENTES FAMILIAR E ESCOLAR	19
1.1 Os processos de Escolarização das Elites no Contexto Europeu.....	21
1.2 A escolarização das Elites no Brasil.....	25
1.3 Os meios de socialização entre os âmbitos familiar e escolar.....	28
1.4 Os processos de Escolarização das Classes Médias.....	29
CAPÍTULO 2: SOCIALIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DOS JOVENS DE ESCOLAS PRIVADAS COM BAIXO ÍNDICE DE RENDIMENTO ESCOLAR DA.....	34
2.1 Experiências Escolares de alunos e alunas da Escola São José.....	36
2.2. Reforço escolar: escolarização privada e dificuldades escolares.....	50
CAPÍTULO 3: AS ESTRATÉGIAS DE ESCOLHA: AS ESCOLAS PRIVADAS ESCOLHIDAS PELOS PAIS DESSES JOVENS	68
3.1 As estratégias de escolha dos pais: sob o olhar dos filhos	69
3.2 Os percalços da educação na Escola São José (ESJ): sob o olhar da psicopedagoga.....	72
3.3. O olhar de alguns professores da Escola São José acerca do corpo discente e da Instituição.....	73
3.4 O reforço escolar à vista da psicopedagoga do Instituto Possibilitar e de um professor desta Instituição.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS	80
ANEXOS	83

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe um estudo de casos referentes às famílias de classe média alta da cidade de São Luís, em que os filhos se encontram inseridos em um quadro de baixo rendimento escolar, apesar de estudarem em escolas consideradas de alto nível. Para tanto, recorreremos às ideias de: Socialização, Escolarização, Sucesso/Fracasso escolar e Reforço Escolar, que vêm sendo utilizadas em pesquisas produzida ao longo dos últimos anos, principalmente, dentro da Sociologia da Educação e da Cultura.

O interesse em estudar estes casos partiu das observações e discussões de disciplinas como: Sociologia da Educação e Práticas na Dimensão Escolar, que muito ajudaram a refletir sobre os processos de Socialização presentes na Sociedade e na Educação que se constituem desde a Europa até o Brasil, além do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UEMA)¹ de Ciências Sociais que instigou leituras produzidas por outros grupos de PIBIDs, como os da Universidade Estadual de Londrina e da Universidade Federal do Maranhão. Esses grupos trazem pesquisas sobre os tipos de escolarização tanto no ensino público quanto no ensino privado. Este último tendo sido estudado na cidade de São Luís, pelos professores Juarez Lopes de Carvalho Filho com pesquisas sobre a Segregação Escolar e Segregação Espacial²; Pierre Bourdieu, Edmond Goblot e a Educação Burguesa³; Antonio Paulino de Sousa: Regra, estratégia e *Habitus*⁴; Leandro Augusto dos Remédios Costa sobre os processos de Socialização e Escolarização que podem revelar as lógicas de reprodução social das elites da ilha de São Luís⁵.

O campo empírico desta pesquisa se deu através de casos de famílias em que os filhos estudam em “escolas de elite”⁶ e que se encontram em situação de baixo rendimento escolar e para superação recorrem ao “Reforço Escolar” em suas próprias residências ou em instituições de ensino.

¹ Particpei como bolsista do PIBID de Ciências Sociais da UEMA nos anos de 2016 a 2018.

² CARVALHO FILHO, J. L. **Segregação Espacial e Segregação Escolar: Notas para uma Sociologia da Distribuição Espacial e Social dos Estabelecimentos de Ensino** MEDIAÇÕES, LONDRINA. v. 21. N. 2, P. 359-380, DEZ. 2016.

³ CARVALHO FILHO, J. L. **Pierre Bourdieu, Edmond Goblot e a educação burguesa**; Revista Política e Sociedade – Florianópolis – Brasil; v. 14; n. 31; (p.180-199). JUL. 2015.

⁴ SOUSA, Antonio Paulino. 3. Regra, Estratégia e Habitus. In: ____ **Economia, história e teoria da prática em Bourdieu**. Prefácio de Juarez Lopes de Carvalho Filho. – São Paulo: Paulistana; Brasília: Capes, 2015.

⁵ COSTA, Leandro Augusto dos Remédios. **As "escolas de elite" de São Luís: escolhas, segregação e estratégias de distinção escolar** / Leandro Augusto dos Remédios Costa. - 2017. 141 p.

⁶ “As “escolas de elite” de São Luís são definidas aqui como escolas privadas, caracterizadas pelo alto padrão de ensino que atendem as famílias que podem arcar com mensalidades de alto valor econômico”. (COSTA, Leandro; 2017, p.14).

Ao longo da realização da pesquisa, que ainda está no início e exige continuidade, discutir sobre a educação das classes médias e as mais abastadas tem se tornado cada vez mais necessário, levando em relevância que:

[...] as experiências de vida e seus recursos (fontes econômicas, condições ocupacionais e passado educacional) condicionam mais a vida diária das famílias, influenciando mais fortemente o modo de educação dos filhos (LAREAU, 2007, p.70 apud NOGUEIRA, 2011, p.32-33).

Assim percebe-se que os pais desses alunos reconhecem que tanto para manter seus *status* sociais quanto para ascender socialmente, faz-se necessário investir o capital financeiro familiar no que poderá tornar-se o capital cultural nesses jovens e crianças. E concomitante a isso, considerou-se o que os franceses Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot (2002) explicam em: *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*: que cada vez mais as famílias têm investido em uma educação privada e cosmopolita, tanto que ao observar as respostas de uma grande parte dos entrevistados referente às perguntas sobre língua estrangeira, foram positivas as concepções que muitos gostam e alguns se arriscam a ler livros em alguma língua estrangeira, ainda mais com a ascensão da globalização.

Ainda sobre isso, Marlice de Oliveira e Nogueira (2011) citando Diogo (1998) busca explicar o papel dos pais no seio familiar, que devem questionar mais seus filhos sobre o que se encontra ocorrendo no ambiente escolar.

Diogo constata, com efeito, que os pais se envolvem nos processos de escolarização dos filhos, quer em casa, orientando as atividades escolares e extraescolares, quer realizando escolhas em relação à trajetória escolar, mesmo nas classes populares. No entanto, em relação a uma valorização geral da escolarização, ela destaca que existem variações de acordo com o pertencimento social, em relação ao tipo de envolvimento desenvolvido. (NOGUEIRA, 2011, p.34-35 apud DIOGO, 1998).

E isso foi questionado na pesquisa, porém não foi perceptível muita segurança à afirmação da maioria dos envolvidos quanto ao questionamento referente ao interesse dos pais em investigar sobre o rendimento escolar de seus filhos.

O acompanhamento da escolaridade pelos pais das classes médias inclui, segundo os estudos citados, a ajuda direta nos deveres de casa e outras tarefas escolares e, ainda, o reforço da escolarização com atividades complementares rentáveis no mercado escolar (NOGUEIRA, 2011, p. 34).

Neste trabalho, considerando-se a configuração específica do campo empírico (famílias e seus filhos com baixo rendimento escolar), elegeu-se a entrevista como recurso metodológico privilegiado. E é importante ressaltar que, conforme o andamento da pesquisa, o questionário de sondagem passou por algumas mudanças dependendo do comportamento do jovem.

A intenção desta pesquisa foi investigar os casos de alunos de escola de classe média/alta, “Reforço Escolar” e uma educação doméstica. Na Escola São José foram investigados 5 casos, envolvendo dois alunos do gênero masculino e três alunas do gênero feminino com faixa etária entre 14 e 18 anos. E no Instituto Possibilitar, 5 alunos, sendo quatro de escola privada e um de escola pública, o qual trouxe à comparação geral. A faixa etária destes entrevistados varia de 9 a 18 anos. Além de todos jovens discentes, foram entrevistadas duas psicopedagogas (uma de cada instituição), um pai de aluno e três professores – sendo dois da Escola São José e um do Instituto Possibilitar.

Analisando previamente a Escola São José, confirmou-se um discurso já amplamente difundido no contexto educacional referente aos casos de alunos com dificuldades em seu aprendizado, tendo como consequência o “fracasso escolar.

Foi encaminhado o projeto da minha pesquisa à psicopedagoga e dona do Instituto Possibilitar, o que foi considerado por esta, um tema de suma importância para a discussão no ramo a educação. E o primeiro ponto que lhe chamou a atenção foi o nome “ESTRATÉGIAS ESCOLARES”, pois disse que já viu muitos trabalhos referente a estratégias, porém acompanhadas da terminologia “pedagógicas”, ou seja, “ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS”. E elogiou o tema desta pesquisa, porque segundo ela, discutir educação é muito mais do que um ato pedagógico, pois quando se fala em educação e estratégias pedagógicas, geralmente as pessoas já associam rapidamente aos clássicos como Paulo Freire, Jean Piaget, entre outros.

E ainda ressaltou que a questão das “Estratégias” não deve ser uma ideia “fechada” dentro da Ciência Pedagógica; até porque ela é discutida pela Sociologia. E inclusive tratou sobre a interdisciplinaridade das ciências e formas de pensamento, tais como: a psicologia, a filosofia, a história da educação, etc, que cada vez mais, devem estar interligadas aos processos de aprendizagem do ser humano e não separadas como se coubessem, a cada uma, isoladamente, responsabilidade de sua atuação.

Reintera-se neste trabalho o que Durkheim nos esclarece em suas obras sobre a educação: que a educação de uma criança não está pautada somente em uma instituição

social como a escola, pois é preciso que a família também corrobore com este seio social onde a criança vai se desenvolver enquanto indivíduo. Então, como Nogueira (2011) nos explica, a *educação* de uma criança como um todo se torna mais hábil ou como poderia descrever mais *eficiente* quando há acompanhamento dos pais em casa.

Desta forma, este trabalho objetiva refletir teórica e empiricamente sobre a relação entre o privilégio econômico e o sucesso/fracasso escolar, que instiga a pensar quais as vantagens efetivas dos grupos que se encontram economicamente em um *status* de mais prestígio em seu processo de escolarização em comparação a outros grupos, ao mesmo tempo em que contribui para pensar qual o "peso" do privilégio socioeconômico no processo de escolarização em grupos com baixo capital cultural, ou seja, com dificuldades escolares e baixo rendimento escolar.

Assim, este trabalho se insere no conjunto de pesquisas sobre a escolarização dos grupos dominantes no Brasil, não se tratando como uma pesquisa "isolada" no sentido de casos particulares observados, pelo contrário, tratando-se de uma pesquisa que visa compreender as desigualdades e as vantagens sociais estudando os grupos que, em tese, são considerados privilegiados, mesmo que nem sempre estejam inseridos dentro dos moldes de condição econômico-social, mas de investimento educacional.

Então, através desta pesquisa se pretendeu entender melhor sobre os processos de socialização e escolarização dos alunos de escolas de elite com baixo rendimento escolar. E ao longo deste trabalho, buscou-se compreender a compreensão das estratégias de escolarização de famílias "privilegiadas" diante das dificuldades escolares de seus filhos.

CAPÍTULO 1

A ESCOLARIZAÇÃO DAS ELITES E OS MEIOS DE SOCIALIZAÇÃO NOS AMBIENTES FAMILIAR E ESCOLAR

Este capítulo propõe uma revisão de literatura contextualizada sobre a escolarização das elites, tanto no contexto estrangeiro quanto brasileiro e na relação família-escola. Desta forma, ele está estruturado em três eixos: o primeiro se remete à escolarização das elites para autores estrangeiros como: Michel Pinçon, Monique Pinçon-Charlot, Pierre Bourdieu, Edmond Goblot, *etc.*; o segundo se refere a autores e pesquisadores brasileiros como: Antonio Cattani e Francisco Kielling, Maria Alice Nogueira, Juarez Lopes de Carvalho Filho, Leandro Augusto dos Remédios Costa, entre outros; e, no terceiro momento, propõe uma discussão sobre os meios de socialização nos ambientes familiar e escolar.

Então, inicialmente é necessário detalhar sobre as estratégias de socialização na formação escolar da classe dominante, tal como esclarece Maria Alice Nogueira e Roberto Grün (CATTANI, KIELING, 2007, p. 180), abordando as formas de escolarização dos jovens de classe média alta em seus processos de aprendizagem. Visto que:

A formação ideológica na família e nas instituições qualificadas e a escolarização formal são parte obrigatória desse processo de construção de classe. Entre outros aspectos, o ambiente escolar frequentado pelos seus pares, constitui-se numa etapa importante da socialização dos futuros detentores da riqueza e dos privilégios. A rede de relações iniciada num momento particular da adolescência tende a manter-se e a reproduzir-se de forma pragmática e utilitarista quando o momento se fizer necessário. Esse é o grande trunfo das escolas para os muito ricos: serem empreendimentos comerciais, em princípio, altamente rentáveis, contribuindo, ao mesmo tempo, para a formação e a reprodução da classe dominante. (CATTANI, KIELING, 2007, p. 175).

Para isto, é importante entender a noção de estratégia que é melhor explicada pelo teórico francês Pierre Bourdieu:

A noção de estratégia diz respeito às práticas fenomenalmente diferentes – que não se reduzem somente ao que é definido e reconhecido como estratégia pelos agentes pesquisados – que desempenham funções de reprodução orientadas para conservação ou aumento do patrimônio e da posição na estrutura social, tendendo a perpetuar a identidade, as hierarquias e todo sistema de diferenças. (BOURDIEU, 1997).

Afrânio Catani e Maria Alice Nogueira (1998) esclarecem que “o sistema de estratégias de reprodução pode ser definido como sequências ordenadas e orientadas de práticas que todo grupo produz, reproduzir-se enquanto grupo” (CATANI, NOGUEIRA; 1998, p.11), dessa forma, pode ser lido como “maneiras de se permanecer no *status* de ‘elite’”.

Para Bourdieu, há vários tipos de estratégias. As de *fecundidade* – que limitava os números de filhos dentre os casais; ou as *indiretas de limitação da fecundidade* – “como o casamento tardio ou o celibato” (CATANI, NOGUEIRA; 1998, p. 11); As *estratégias sucessórias*, que têm como objetivo buscar o patrimônio e isso deve ser passado de geração a geração, sem chance de falhas; as *estratégias educativas* – “conscientes e inconscientes, são investimentos de longo prazo que, em geral, não são percebidos como tais pelos agentes.” (CATANI, NOGUEIRA; 1998, p.11).

Outra perspectiva que nos parece importante é a empregada por Daniela Lôbo (2016) para melhor apreender essa teoria. Segundo essa autora: uma das estratégias utilizadas pelos agentes sociais é o investimento em escolarização como uma forma de adquirir conhecimentos e, assim, de posse dos títulos obtidos, têm a possibilidade de adentrar no mundo do trabalho e no campo científico desejado (LÔBO, 2016, p. 191).

Assim sendo, podemos entender que estas são formas de permanência das classes sociais na forma “elitista” de ser, desta forma, as famílias de alta classe ou até mesmo as de Classe Média tendem a investir na melhor forma de educar seus filhos, inserindo-os nas melhores escolas.

[...] refere-se ao sentido prático que advém da capacidade de participação do agente no jogo dos diferentes campos sociais, contando com a apropriação e manutenção de diferentes espécies de capital. Tal conceito é fundamental para a compreensão da teoria de campos, entendidos como espaços de produção e de circulação de bens culturais e simbólicos, permeados por relações de poder, expressas em conflitos, lutas, consensos entre os diversos agentes que, dispostos hierarquicamente, utilizam diferentes estratégias para apropriação e/ou domínio desses bens, como formas de autoridade, legitimidade e prestígio. As ações do agente no campo são medidas pela capacidade de participação no jogo, e o bom jogador é aquele que aprendeu o sentido do jogo [...], cabe ressaltar, ainda, que, para Bourdieu, uma estratégia não pode ser compreendida fora de um sistema de estratégias de uma determinada classe ou fração de classe (CANEZIN et al., 2007, p. 122).

Diante disso, é importante compreender a noção de “estratégia” que Pierre Bourdieu (1998) explica no texto “Futuros de classe e causalidade do provável”. Segundo ele, a estratégia deve ser vista como um produto do senso prático de um

determinado jogo social já definido através do processo histórico onde os indivíduos aprendem desde a infância.

Na perspectiva bourdieusiana, as estratégias são respostas mais ou menos automáticas do senso prático, ou do “senso do jogo”, em face a situações infinitamente invariáveis. A estratégia implica num “habitus”, em dispositivos incorporados a ação que são adquiridos no meio de origem e que variam sensivelmente segundo as categorias socioprofissionais (COSTA, 2017, p.27).

Essas estratégias, de acordo com Bourdieu, são como uma espécie de jogo social e que passam ao indivíduo formas de agir, pensar e sentir através de seu processo de socialização, ou seja, geralmente acabam se desenvolvendo uma forma de reprodução do seu próprio grupo social e isso pode gerar uma construção de família pautada na união de pessoas que buscam a manutenção de patrimônio cultural e socioeconômico, refletindo no processo educacional de seus filhos. Desta forma, o sucesso ou o fracasso escolar podem ser desenvolvidos tanto no âmbito familiar quanto o escolar.

1.1. Os processos de Escolarização das Elites no Contexto Europeu

Optamos nesta seção retomar algumas discussões sobre Socialização, Escolarização, Sucesso/Fracasso escolar e Reforço Escolar a partir de trabalhos de referenciais na França, voltados à “Escolarização das Elites” desenvolvidos por Pierre Bourdieu, Michel Pinçon e Monique Pinçon Charlot sobre a educação da alta burguesia na Europa, principalmente na França.

Outro estudo importante, pouco conhecido no Brasil (embora traduzida) é a obra de Edmond Goblot: *A barreira e o nível: estudo sociológico sobre a burguesia francesa moderna*. Em artigo intitulado “Pierre Bourdieu, Edmond Goblot e a educação burguesa”, Carvalho Filho (2015) propõe uma análise paralela entre as obras “A barreira e o nível: estudo sociológico sobre a burguesia francesa moderna”, escrita em 1925, por Edmond Goblot e “A distinção: crítica social do julgamento, de 1979, de Pierre Bourdieu.

A obra de Goblot, nas palavras de Carvalho Filho, expõe “acerca dos fundamentos de uma teoria sociológica da distinção social” (2015, p. 180). Isso, muito antes de Pierre Bourdieu em sua obra: *A distinção*, já que Goblot é considerado um precursor dos trabalhos de Bourdieu sobre a distinção (LALLEMENT, 2015, p. 282).

Goblot faz sua análise a partir de uma etnografia e percepção sociocultural⁷, totalmente diferente de uma análise das “elites”, tal como Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e Robert Michels descrevem, assim também como Karl Marx com suas análises a respeito das classes sociais.

Assim como no início deste trabalho se fez necessário entender o conceito de “Estratégias”, agora se faz preciso entender o conceito de “Elites”, antes mesmo da discussão de Classe Social a qual aqui será destrinchada.

O termo “**Elite**” é muito amplo porque não ocupa um *status* de grande porte sozinho, ele só existe se houver um outro grupo a ser comparado. E não existe porque pessoas em seu estado individual ou grupal passaram a se denominar assim e sim porque passaram a serem tratados como “Elite” em relação a outros grupos. E no olhar de uma sociologia educacional, afirmar que existe uma “elite” com melhores chances de ascensão social e sucesso escolar se comparada a grupos educacionais que estão em posições inferiores é um fator de análise que precisa ser observado e estudado com cautela.

Odacir Coradini (2010) explica, partindo do pensamento de Bourdieu que:

São introduzidas como condicionantes dos usos sociais da titulação escolar as relações com posições socialmente dominantes, porém, mais que algum grupo predefinido e delimitado substantivamente, o problema analítico consiste nas posições ou no “campo de poder”, cuja “estrutura se define pelo estado das relações de força entre espécies de capital” (BOURDIEU, 1989, p. 373-375 *apud* CORADINI, 2010).

Isto significa que a própria ideia de “Elite” foi gerada pela existência e soma das posições sociais, as quais estão inseridas no que Bourdieu nomeia de “campos de poder”, que para terem validação, precisam fazer gerar uma “disputa de capitais” no meio social, pois de nada adianta ser rico se não houver um grupo “rival” a ser comparado, o que leva essas “elites” a investirem cada vez mais em “diferenciadas estratégias e investimentos que tenham sentido e significado no campo que desejam estar” (LÔBO, 2016, p.190).

No que tange especificamente às relações entre posição social e campo escolar, é necessário considerar ainda os efeitos da existência (ou não) de algum setor específico dirigido explicitamente à formação de elites. Casos como o da França têm como uma das principais características manter um setor de ensino (as “grandes escolas”) explicitamente voltado para a formação de “elites” (que serve, inclusive, de base empírica para as

⁷ Ele descreve sobre os costumes da burguesia francesa moderna, avaliando tanto seu capital cultural quanto o financeiro.

principais formulações de Bourdieu (1984, 1989; BOURDIEU & SAINT MARTIN, 1987, *apud* CORADINI, 2010).

Como proposto desde a ideia inicial deste trabalho, se faz cogente entender como esses grupos sociais aqui pesquisados se tornaram “elites” e quais estratégias utilizam para manter esse *status* ou ao menos chegar ao entendimento de que se pode chegar a um nível maior de *status* através do investimento em uma boa educação escolar dos seus filhos, no caso de famílias menos abastadas.

A partir da explicação de Carvalho Filho (2015) observa-se que a noção de Edmond Goblot sobre a ideia de “Classe Social” não se remete apenas à concentração de renda como: “Patrimônio, terras, máquinas”, pois estes são apenas propriedades de quem são *nível*– (estes, no caso, seriam as coisas “materiais” dos indivíduos). Goblot enxerga também outras formas de *status* sociais (*barreira* – como coisas de “classe” que podem ser mais ideológicas do que materiais), tais como: as vestimentas, a moda ou formas de se vestir, a educação, a linguagem, o lazer e o diploma⁸, pois são essas características que propõem a distinção social entre as classes abastadas.

No capítulo 2 da Obra “A barreira e o nível”, Goblot faz mais uma crítica à ideia do alemão Karl Marx sobre “elite” ou “classe proprietária” ao afirmar que “o critério de riqueza é insuficiente e artificial para demarcar as classes sociais” (GOBLOT *apud* CARVALHO FILHO, 2015, p. 183), pois para Goblot, a “distinção de classe é uma questão de julgamento de valor”, ou seja, é a forma de como se investe a riqueza e isso é um fator muito maior do que somente ter capital financeiro.

Para Pierre Bourdieu “a noção de classe social é um instrumento de análise teórica constituída pelo sociólogo que deve funcionar como princípio de classificação” (CARVALHO FILHO, 2015, p. 184), desta forma, a nomenclatura “classe social” é mais uma espécie de “terminologia” criada por sociólogos para explicar sobre uma grande coletividade ou grande grupo de pessoas cujos objetivos são comuns tanto individualmente quanto coletivamente, ou seja, são “classificações simbólicas”.

Na obra “A distinção”, Bourdieu descreve sobre como as pessoas tendem a ser avaliadas a partir do seu estilo de vida – local onde residem (bairro, casa, apartamento), formas de se vestirem, estilo musical e cultural e como tendem a “mostrar” melhor onde moram, além de seus valores culturais, desta forma, como se mostram as situações de “condição” e “posição” das elites. Na primeira, como esses grupos utilizam a oportunidade da *condição* em que vivem para ascenderem socialmente e na segunda, a

⁸ O que o Bourdieu denominaria como um investimento em capital cultural.

posição faz referência ao lugar em que essas pessoas se encontram socialmente, ou seja, aos bens simbólicos e níveis de escolaridade desses indivíduos de classe média alta.

Michel Pinçon e Monique Pinçon Charlot, em: *A infância dos chefes – a socialização dos herdeiros ricos na França* explicam que, se tratando “de diversos capitais em suas diferentes formas, a riqueza nunca é puramente econômica, pelo menos, para as famílias consideradas neste estudo.” (2002, p. 11). Isso porque a transmissão referente aos capitais acumulados aos jovens de famílias mais abastadas é uma espécie de “condição da reprodução das posições dominantes do ponto de vista social.” (2002, p. 11).

A combinação dessas diferentes formas de capital define a alta sociedade, fixa seus limites e tendo sido transmitida, garante a permanência das famílias nesse nível social. No decorrer das gerações, tal permanência supõe um grande domínio das condições da socialização das crianças e adolescentes, assim como um controle eficaz da educação dos jovens futuros herdeiros. Importa que estes estejam aptos a receber, administrar e transmitir as múltiplas riquezas que lhes cabem por herança. Por consequência, a educação das jovens gerações é decisiva nos processos de sua reprodução social. (PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2002, p.11).

Tendo como reflexão o que Pinçon e Charlot expõem sobre o tipo de educação das pessoas que já nascem inseridas na alta sociedade, se percebe a possibilidade de um tipo de continuação na profissão dos pais, em caso das famílias possuírem algum tipo de herança ou empresa. Assim, se leva à análise deste trabalho – entender os processos de socialização dos jovens tanto dentro da família quanto na escola, buscando investigar quais as ações e estratégias praticadas pelos pais diante do baixo rendimento escolar dos filhos⁹.

Este processo de educação pautada nos capitais cultural e familiar dispõe de meios para se alcançar mais possibilidades de sucesso escolar, mas não são fatores unicamente econômicos que “implicam em uma relação privilegiada com a cultura, além de relações sociais poderosas e todos os recursos disponíveis” (PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2002, p. 12), pois é preciso entender quais os tipos de dificuldades dos jovens diante o ensino privado, para que se possa compreender sobre a necessidade dos pais desses alunos de se buscar um reforço escolar, porque “até mesmo as famílias mais abastadas sentem a necessidade de proporcionar aos filhos uma instrução” (PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2002, p. 12), ou seja, essas famílias cada vez mais sentem a necessidade de inserir os filhos em um meio de socialização que os

⁹ Devido às dificuldades em conseguir conversar com os pais dos alunos, a pesquisa se sucedeu a partir de conversas com professores e psicopedagogos das instituições que serviram de campo de pesquisa (já que estes sujeitos observam de perto a situação dos jovens).

permitam entrar na “lógica da concorrência de concursos de acessos a grandes *écoles*¹⁰”, tanto por uma significância de *nível* (concentração de renda) quanto de *barreira* (*status* social) nas palavras de Edmond Goblot.

Então, para Pinçon e Pinçon Charlot (2002), na Nobreza e na Burguesia, a família tem um papel muito importante em meio à reprodução do social, pois é ela quem guarda e conserva as tradições, os processos de acumulação de capital econômico e cultural, além de outras formas de capital que tornam a família cada vez cheia de fortunas. É importante refletir que “a pessoa é antes de tudo, um elo de linhagem, de uma cadeia dinástica que mantém a supremacia em relação ao indivíduo” (PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2002, p. 14), isso significa afirmar que apesar do indivíduo carregar o poder da sua própria família, o herdeiro rico carrega consigo os poderes antepassados e da futura descendência de sua família, assim, “passar o bastão é a pesada obrigação.” (2002, p.14) e receber requer uma responsabilidade e um poder muito grande, pois se trata de uma preparação, antes de tudo, moral que guiará um conjunto de técnicas que poderão fazer conquistar-lhe uma grande posição social no seu “futuro de classe”, como denomina Pierre Bourdieu.

E devido a essas responsabilidades, o indivíduo precisa estar preparado desde muito jovem. Assim, ele deve ter uma boa educação escolar, desde criança, aprendendo inclusive novos idiomas ou o que Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot (2002) denominam como uma “educação cosmopolita”, haja vista que: “as famílias mais importantes da alta sociedade são cosmopolitas [...] é prática corrente falarem outros idiomas.” (PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2002, p. 18). Trazendo à realidade da pesquisa, esta discussão é melhor destrinchada no capítulo 2, onde há uma observância nos relatos de alguns alunos e algumas alunas que declaram interesse em conhecer outros idiomas, principalmente as línguas Inglesa e Espanhola.

1.2. A escolarização das Elites no Brasil

Antonio Cattani e Francisco Kieling em “A escolarização das elites abastadas” (2007) trazem um contexto histórico sobre os meios de escolarização das classes

¹⁰ “Instituições do ensino superior, independentes do sistema universitário, que recrutam por concurso e se destinam a formar as elites intelectuais e dirigentes da nação.” (PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2002, p.12). Trazendo à realidade maranhense, esses jovens são educacionalmente “treinados” para adentrar a grandes faculdades públicas que podem ser tanto no contexto social local do próprio estado quanto a grandes universidades públicas fora do estado ou até mesmo fora da própria nação brasileira.

dominantes no Brasil a partir de uma curiosidade analítica dos estudiosos das Ciências Sociais: que é a de tentar entender “como a educação é utilizada para manter as posições de poder na sociedade e estudá-la para melhor observar as desigualdades sociais” (ALMEIDA, 2002). Cattani e Kielling buscam através das ciências sociais tecer explicações para a manutenção de posição das famílias abastadas na sociedade de classes, porque somente o fator “Herança” designado “da predestinação, do desígnio divino ou do mérito absoluto” (2007, p. 170) não é o suficiente para justificar a ideia de perpetuação da riqueza.

Cattani e Kielling (2007) analisam que é importante entender como essas “Elites” se formam a partir do que Bourdieu colocaria como uma “Posição Social” – a qual os indivíduos já nascem inseridos numa família bem abastada economicamente e culturalmente e como isso, de certa maneira reflete no *habitus*, assim o sendo, nas formas de ação, pensamento e sentimento desses indivíduos, interferindo nas *tomadas de posição* e as formas de percepção do mundo, ou seja, nas ideologias desses sujeitos.

Ao analisar o Brasil, esses dois autores percebem como esse tipo de educação burguesa influencia nas *tomadas de posições* desses indivíduos e que pode inclusive interferir no âmbito político através da mídia, pois apesar do grupo elitista ser considerado minoria no país, este possui força política gerada pela concentração de capital econômico e “compreender como se formam, se escolarizam e se socializam esses agentes a partir da escola revela, portanto, um grande desafio para as Ciências Sociais.” (CATTANI; KIELING, 2007, p. 171).

No escrito de Gilson Pereira e Afrânio Catani, intitulado *Espaço social e espaço simbólico: introdução a uma topologia social* fica mais fácil a compreensão da sociologia praticada por Bourdieu, que a partir do pensamento desses autores, pode ser interpretada “como uma ciência das posições no mundo social.” (PEREIRA; CATANI, p.114, 2002), cujos intuitos sejam analisar as relações sociais presentes na realidade tais como: a cultura, as classes, os indivíduos, os sistemas educacionais e as posições dos indivíduos nesse meio (social). Essas posições sociais não são definidas por si mesmas, mas pelas relações entre as próprias posições, ou seja, elas existem devido aos processos de socialização e se fazem desenvolver *relacionalmente* dentro das estruturas sociais.

Maria Alice Nogueira enfatiza que esses estudos sobre as pessoas de classe mais alta estão cada vez mais ganhando forças, devido não só à percepção de Bourdieu, mas

também a de outros intelectuais que passaram a perceber algo no ensino dos jovens pertencentes a essas classes abastadas¹¹.

[...] a reflexão sobre o impacto do patrimônio cultural familiar sobre a escolaridade dos filhos já se encontra bem mais desenvolvida, graças sobretudo aos estudos, de inspiração bourdieusiana, sobre a transmissão da herança cultural pela família. (NOGUEIRA, 2003, p.133).

Nogueira, ao pesquisar sobre as famílias abastadas cujos filhos estavam inseridos num quadro de baixo rendimento escolar percebeu que tais resultados demonstraram que, embora essas categorias sociais apresentem taxas de sucesso escolar acima da média da população, elas não são imunes ao fracasso escolar. (NOGUEIRA, 2003, p. 133).

E isso levanta uma série de questões, tais como ela mesma descreve:

Quanto aos jovens, o fato de que eles não investem toda sua energia na causa escolar é, sem dúvida, o resultado de todo um processo de socialização familiar que escapa, em boa parte, à consciência dos sujeitos. O que não exclui atitudes de natureza mais racional e consciente: não tendo a sensação de que os estudos implicam uma via de mobilidade social ascendente, eles não veem razão para se engajar escolarmente em troca de vantagens sociais tão pouco significativas. (NOGUEIRA, 2003, p. 143).

Nogueira (2003) afirma que as famílias mais abastadas buscam cada vez mais, estratégias para atenuar o fracasso escolar de seus filhos, recorrendo inclusive a reforços escolares.

Essas famílias dispõem de meios de luta contra o insucesso escolar, através de estratégias variadas de compensação e de reparação, capazes de remediar ou, ao menos, de atenuar os efeitos nefastos do fracasso. Dentre essas estratégias, sobressaem aquelas relacionadas à escolha de certos tipos de estabelecimento de ensino. (NOGUEIRA, 2003, p. 134).

Assim, fica mais visível o papel altamente positivo que o capital econômico tem diante do destino escolar do aluno.

Este estudo leva à reflexão que:

Tais resultados parecem questionar a ideia corrente de que para se conquistar uma vaga nas grandes universidades públicas de alto prestígio basta possuir recursos financeiros, os quais supostamente condicionariam um passado escolar de excelência que fatalmente levaria ao sucesso na seleção dessas

¹¹ Aqui, a percepção de análise desta autora era de que poucos jovens se interessavam em cursar alguma faculdade e os poucos que almejavam, pensavam muito mais em permanecer mantendo a herança cultural da família do que passar mais de três anos cursando um curso superior.

instituições. É preciso também que os indivíduos estejam predispostos a ambicionar os destinos universitários mais favorecidos e a pôr em prática meios de conquistá-los. (NOGUEIRA, 2003, p. 138).

Ou seja, nem sempre o fato existente de um capital econômico dentro de uma família implica em afirmar que o aluno obterá os melhores resultados cognitivos, haja vista que a existência de outros fatores individuais ou sociais podem levar o discente ao seu próprio fracasso escolar.

1.3. Os meios de socialização entre os âmbitos familiar e escolar

A partir de Michel Pinçon e Monique Pinçon Charlot (2002), “pode-se falar em três instâncias de socialização: a família, a escola e os *rallyes*. Aliás, presume-se que sua combinação venha a garantir a melhor educação possível.” (PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2002, p. 13). Antes de tudo, é preciso se entender o que significam esses “*rallyes*”, que só ficam atrás dos âmbitos familiar e escolar. Os *rallyes* se referem a formas de comportamento precoces de como os jovens devem seguir a juventude e a vida adulta. Esse termo foi criado na década de 50, “época em que o recurso à escola pública ou privada se generalizava na alta sociedade; [...] esses *rallyes* são antes de tudo, listas de belos nomes, e nomes de famílias importantes”. (PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2002, p. 13), então, pode-se entender que estão intrinsecamente ligados ao *status* social familiar ou à posição da família no âmbito social, ou seja, esses jovens nascidos em uma cultura de capital econômico tendem a se “tornar um herdeiro ou herdeira dignos do destino excepcional que lhes é oferecido.” (2002, p.26). E é de suma importância destacar que estes não significam apenas formas de “instrução”, mas de educação, pois estas instâncias têm como função

Formar herdeiros por convicção de já terem direitos fora do comum, o que implica a aprendizagem de dispositivos que levem a assumir os deveres inerentes a uma posição eminente. Não existem herdeiros sem um *habitus* condizente, sem uma educação que garanta agentes sociais aptos para assumirmos pesados encargos da fortuna. (PINÇON, PINÇON-CHARLOT, 2002, p. 13).

Dessa forma, observemos que em grande parte dos casos de famílias abastadas, os filhos já nascem com o *status quo* de herdeiros, predestinados a continuar com a manutenção da empresa ou cargo dos pais ou parentes, dependendo apenas da manutenção tradicional da família e do tipo de educação que o jovem irá receber tanto

no âmbito familiar quanto no âmbito escolar, pois isso pode influenciar no tipo de carreira profissional que pretendam seguir.

De demasiadas formas, o âmbito familiar ensina aos jovens herdeiros, que inevitavelmente, por nascimento, eles já fazem parte de uma vivência fora do comum, por serem pertencentes à uma cultura de capitais econômicos e sociais e isso já implica uma aprendizagem sobre a posição deles no social, apesar de geralmente, já carregarem consigo os *rallyes* incorporados.

Através do processo de socialização, se pode vir formar um indivíduo, mas seu potencial cognitivo depende de onde ele vai estar inserido e das dificuldades que venha a enfrentar. Para Bourdieu,

[...] o sucesso escolar depende, principalmente, do capital cultural herdado e da propensão a investir no sistema escolar [...]. Nessa perspectiva, o sucesso escolar está amplamente associado ao *background* social e, também à origem familiar dos estudantes, que mobilizam os diversos tipos de capitais que possuem com vistas a garantir o sucesso escolar dos estudantes. (RIEDNER, PEREIRA, 2012, p.49 *apud* Bourdieu 2007, p. 112).

Conforme pesquisas feitas por Riedner: “há uma elite econômica que busca o capital escolar e o capital social, e há uma elite escolar que busca o capital cultural e social e que deve o seu nível de capital econômico à posse do capital escolar.” (RIEDNER, 2012, p. 48).

1.4 Os processos de Escolarização das Classes Médias

Como já dito no início deste capítulo, é importante frisar que este trabalho partiu de uma inspiração sobre estudos acerca das Elites e os tipos de Escolarização dessas classes as quais se fazem presentes na sociedade, porém a pesquisa acabou se nortando mais para uma observação sobre as classes médias, que também a cada vez mais têm recorrido a escolas privatizadas. Mesmo que estas não façam parte de um grande nível ou *status social* de grandes escolas, elas também precisam ser analisadas pela sociologia.

[...] o "superinvestimento" ou a super-preparação escolar de certas frações das camadas médias que permite melhor dimensionar o "sub-investimento" das classes populares e de certas frações das elites (Nogueira, 1991). Do mesmo modo, é tomando como referência o padrão do "bom aluno" (de classe média), que se opera o julgamento professoral dos jovens das classes populares. (NOGUEIRA, p.1995, p.11).

É necessário observar que tal como as Classes consideradas elitizadas, as Classes Médias também merecem atenção e análise, pois estas já são por natureza, consideradas socialmente *melhores* do que as classes menos abastadas que costumam se fazer presentes nas escolas públicas, mesmo que de certa maneira, há casos de alunos que estudam em escolas privadas sendo bolsistas ou de pais de baixa renda que valorizam o investimento em educação como forma de ascensão social.

Este trabalho se encaminhou sobre uma percepção de jovens que estudam em escolas de classes médias e que como analisa Nogueira (1995), se comparada à ideia padrão do “bom aluno” convém analisar mais a frente, partindo das percepções de psicopedagogas, professores e discursos dos próprios alunos quais as estratégias escolares mais utilizadas a fim de que esses jovens tenham melhores chances de passar em boas Instituições de Ensino público.

Um sociólogo britânico chamado David Glass, pesquisador da *London School*, que pesquisava sobre a mobilidade social observou em suas análises que: cada vez mais vai se reconhecer que a escola é um elemento fundamental na mobilidade social, que quanto mais as sociedades se desenvolvem, mais a escola passa a desempenhar um papel central na questão da mobilidade. (NOGUEIRA, 1995, p. 27.)

Com isso, pode-se perceber um processo de democratização do ensino ou como também poderia ser chamado por esta autora: “democratização das oportunidades”, cabendo à escola o papel de corrigir as desigualdades sociais, considerando que “a educação era vista como um meio de equalização social”. (NOGUEIRA, 1995, p. 27).

Em meados dos anos de 1960 a 1970, em várias pesquisas no campo da sociologia da educação, se começou a difundir críticas sobre a expressão “democratização do ensino”, pois autores como: (BEN AYED; POUPEAU, 2009), (BOURDIEU; PASSERON, 1999) começaram a se questionar se realmente a educação se baseia em um “sistema de ensino ‘realmente democrático’ que tentam de maneira racional neutralizar os fatores das desigualdades culturais frente à e no interior da ‘Escola’”. (CARVALHO FILHO, 2015, p. 363).

No livro: *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino* - (BOURDIEU; PASSERON, 1999) explicam sobre os “processos de democratização escolar” criada e perpassada pelos republicanos (principalmente na França), pois se o intuito desta era se fazer expandir melhores formas de ensino, isto acabou fazendo disseminar mais ainda a questão da segregação escolar e social, devido às diferenças sociais de cada país ou cidade.

A partir disto, esse “processo de democratização escolar” ou como também pode ser explicado por Carvalho Filho (2015) como “processo de democratização do ensino”:

resultou num prolongamento dos estudos, da diversificação dos estabelecimentos de ensino, das modalidades de fileiras e opções propostas aos filhos, não somente da elite, mas também da classe popular. Doravante, não basta somente os pais colocarem seus filhos nas escolas. É preciso colocá-los numa “boa escola” que possa lhes assegurar um futuro promissor ou garantir a conservação dos recursos acumulados já garantidos. (CARVALHO FILHO, 2015, p. 364).

A partir dessas explicações, foi possível observar na realidade da Escola São José¹² (como veremos detalhadamente no capítulo 2) um considerável percentual de alunos cujos pais não estão inseridos em um âmbito considerado de “riqueza”, mas que investem o pouco capital econômico que possuem, em educação para seus filhos e suas filhas. Em suma, há que se reconhecer que a tentativa de traçar - no interior da estrutura social-linhas de demarcação entre as camadas médias de um lado, e as elites e classes populares, de outro, é problemática e cheia de riscos. (NOGUEIRA, 1995, p. 11).

Nogueira esclarece que analisar dados como estes (sobre a escolarização das classes médias e abastadas) é difícil e cercada de riscos. Porém, à vista de um olhar curioso como o da sociologia, tem se tornado cada vez mais comum pesquisar sobre jovens e seus tipos de socialização, seja tanto na escola quanto na família.

Maria Alice Nogueira (1998), em seu trabalho sobre “A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias” chegou à percepção empírica de que: “As famílias veem-se agora em face da obrigação de definir seu projeto educativo, de confrontar, discutir, selecionar os estabelecimentos desejados.” (NOGUEIRA, 1998, p. 43).

Como veremos nos próximos capítulos, os pais desses adolescentes têm refletido cada vez mais sobre que tipo de escola escolher, porém não necessariamente eles pensam se esse estabelecimento de ensino é o *ideal* ou *melhor* para o desenvolvimento cognitivo de seus filhos, porque o que tem se tornado selecionável a esses responsáveis são as questões econômicas, as de localização e as de resultados, pois se seus filhos

¹²A Escola São José fica localizada na Rua Silvio Romero, nº 85, no bairro Monte Castelo, considerado um bairro de classe média (nem alta e nem baixa) da grande Ilha de São Luís. Esta serviu como um dos campos de pesquisa. É uma escola relativamente grande, com muitas salas e de quantidade que varia de 20 a 30 alunos por turma, no máximo, o que pode ser considerado o positivo para o aprendizado da turma. Porém, nesta pesquisa se fez necessário buscar outros fatores que têm dificultado o desenvolvimento cognitivo desses jovens).

começam a transparecer uma decadência escolar, eles rapidamente tratam de mudar esses jovens de escola.

Uma segunda percepção a partir de leituras Maria Alice Nogueira é a de que: “as famílias dos diferentes meios sociais são desigualmente equipadas no que se refere às condições necessárias à ‘boa’ escolha do estabelecimento escolar para o filho”. (NOGUEIRA, 1998, p.43), ou seja, às vezes, nem mesmo as próprias famílias estão preparadas para as próprias escolhas. Esta análise não necessariamente faz luz às questões econômicas, mas as de análise psicossociais, como explica Émile Durkheim em sua obra sobre “A educação Moral”, haja vista que não somente as crianças e adolescentes precisem mudar seus *habitus*, mas a família como um todo precisa dar esse apoio a esses pequenos indivíduos, investigando suas limitações e dificuldades.

Ainda, a partir do olhar de Maria Alice Nogueira, porém, agora em seu texto sobre “As classes Médias e a Escola” (2010), descreve-se que:

No que tange à educação, pode-se, com certo realismo, esperar que – mantido o atual cenário educacional nacional– teremos, no curto prazo, um aumento da demanda pelo ensino privado que já escolariza boa parte das camadas médias, as quais, há décadas, abandonaram o setor público em função da queda na qualidade de seu serviço e da deterioração do clima social ali reinante. O que constitui apenas o aprofundamento de uma tendência que já vem sendo observada desde os anos 1990. E mantidas as condições econômicas atuais, essa tendência não deverá ser revertida, no curto prazo, nem mesmo sob o impacto (ainda não mensurado) das esparsas políticas de ação afirmativa que oferecem vantagens aos egressos da rede pública, por exemplo, no vestibular. Ao que tudo indica, transferir seus filhos para a rede pública seria um risco que os pais das classes médias, de um modo geral, não aceitariam correr, no presente contexto. Além disso, como o padrão atual de crescimento da classe média se faz por meio de uma mobilidade ascendente de curta distância (que atinge suas frações inferiores, ampliadas graças à ascensão dos “pobres” e “remediados”), pode-se supor que o segmento da rede particular de ensino que sofrerá aumento de demanda não é aquele de que se servem suas frações superiores e as elites, e que se distingue por mensalidades dispendiosas e pela busca de um alto padrão de excelência escolar. (NOGUEIRA, 2010, p. 216).

A cada vez mais tem-se tornado mais comum os pais decidirem por investir na educação dos filhos, independentemente das condições sociais as quais a família convive. Mais à frente, no capítulo 2, há um relato de um adolescente cujos pais detêm de pouco capital financeiro, porém há o investimento em capital cultural para com o seu filho, pois ele afirmou que tanto ele quanto seu irmão, nunca estudaram em escola pública.

Como sugere esta autora, é preciso reconhecer a existência de uma “sociologia das trajetórias escolares” que se iniciou por volta de 1960 e é capaz de pesquisar o

processo histórico das “relações entre os percursos dos indivíduos no interior do sistema de ensino e seu meio social de pertencimento”. (NOGUEIRA, 2003, p. 135), ou seja, de um ramo que pesquisa especificamente os casos de aprendizagem dos alunos. Mas,

Foi somente a partir da década de 1980 que se viu emergir um novo enfoque que se afasta duplamente da generalidade do modelo anterior. Primeiro, porque desenvolve um interesse sociológico pela diversidade (relativa) dos destinos e das práticas escolares no interior de um mesmo meio social. Segundo, porque se interessa pelas histórias de vida escolar de indivíduos concretos (“de carne e osso”) e pelos processos subjetivamente vividos e interpretados por eles. No período mais recente, a partir dos anos de 1990, surge uma nova abordagem inaugurada por pesquisadores que se interessam pelas trajetórias atípicas, excepcionais, inesperadas, em suma, aquelas que fogem às regularidades estatísticas que haviam sido descobertas nos anos de 1950/1960. (NOGUEIRA, 2003, p. 135).

Então, a ideia deste trabalho é a de trazer à discussão mais percepções sobre a relação que mantêm as famílias das camadas médias com a escolarização/escolaridade de seus filhos e suas filhas, haja vista que ainda há poucos estudos sobre este tema, que ainda é considerado, relativamente novo; pesquisas referentes começaram a surgir em meados dos anos de 1960, principalmente através de autores europeus e um pouco mais tarde ganhou aprofundamento no Brasil, em meados de 1980/1990, como nos explica Nogueira (2003).

CAPÍTULO 2

SOCIALIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DOS JOVENS DE ESCOLAS PRIVADAS COM BAIXO ÍNDICE DE RENDIMENTO ESCOLAR DA CIDADE DE SÃO LUÍS

Os agentes pesquisados foram, *principalmente*, alunos e alunas selecionados pertencentes a uma avaliação de baixo rendimento escolar. Porém é importante detalhar cada caso, para não se generalizar todos eles, pois há muitos fatores que fazem gerar: “a falta de ânimo em estudar”, causando assim, uma dificuldade nos estudos desses indivíduos os quais foram entrevistados.

Ao longo deste trabalho foram entrevistados discentes com faixa etária de 9 a 18 anos. Discentes estes, de escolas particulares e/ou de reforços escolares considerados “de elite” ou até mesmo jovens pertencentes a esses dois meios: escola e reforço particulares.

É de suma importância evidenciar também que iniciei todas as entrevistas, pedindo permissão para gravar os relatos e esclarecendo sobre a discrição do trabalho - que não ia expor esses alunos e alunas de forma alguma, para não os prejudicar socialmente. Desta forma, durante este trabalho não se faz anúncio do nome verdadeiro deles, preservando a da identidade desses indivíduos.

Ressalva-se que a análise de algumas informações adquiridas foi feita no capítulo terceiro, principalmente no que se está referente às escolhas dos pais¹³.

Diante das adversidades da pesquisa causadas pela necessidade da compatibilidade de agenda com os sujeitos entrevistados, entre outros fatores, a primeira entrevista da pesquisa só foi possível de acontecer na residência de uma aluna¹⁴ que atualmente estuda na Escola São Marcos.

Esta pesquisa só foi possível, devido à indicação feita pela professora particular da Renata, além de uma conversa com a tia dessa aluna que aconteceu anos antes do

¹³ Devido às dificuldades em encontrar os pais, a análise foi feita a partir dos argumentos dos filhos e isto está melhor descrito no tópico “**estratégias de escolha dos pais: sob o olhar dos filhos**”.

¹⁴ Na tarde do dia 21 de novembro de 2017, fui acompanhada por sua professora de reforço escolar da disciplina de matemática. De início, já se observa que apesar de ter dificuldades em outras disciplinas, principalmente em língua portuguesa, ela tinha aulas particulares somente de matemática.

início desta pesquisa¹⁵. A tia¹⁶ dessa aluna me explicou, de forma bem negativa, que sua sobrinha *não quer nada com a vida, é desinteressada* e usou até mesmo uma palavra de baixo escalão para definir a sobrinha tal como “burra”. Talvez, esse momento também tenha contribuído para refletir sobre o nascimento deste trabalho, ao tentar entender sobre as dificuldades que mais afetam esses jovens que estudam em boas escolas privadas, mas que por algum motivo, não conseguem acompanhar um bom ritmo de estudos. A discussão acerca do desenvolvimento estudantil dessa jovem está descrita no tópico 2.3.

As entrevistas referentes aos jovens e às jovens da Escola São José (ESJ) tiveram que acontecer na própria escola devido à facilidade de encontrar os alunos almejados presentes e para isso, contei com a colaboração dos diretores e alguns professores – que encarecidamente chamaram os /as adolescentes – um a um- para uma conversa particular comigo em uma sala silenciosa – o que ajudou bastante durante as entrevistas. Além da psicopedagoga - que me ajudou demasiadamente com uma análise psicopedagógica desde patologias desses e dessas jovens até outros fatores que levam às dificuldades dos alunos e das alunas com baixo desempenho escolar - cujas informações veremos no capítulo terceiro, juntamente com conversas com professores¹⁷ desses discentes.

Foi feita uma separação para organizar a discussão sem confundir os casos de análise. Então, no tópico 2.1 estão descritos relatos de alunos e alunas da Escola São José¹⁸ (ESJ). Ao todo foram 6 entrevistas, sendo 5 com alunos (dois do sexo masculino e três do sexo feminino) e uma com a psicopedagoga responsável (a qual detalho no capítulo terceiro).

No tópico 2.2 estão descritos relatos sobre o Reforço escolar: escolarização privada (um caso) e dificuldades escolares de 5 alunos do sexo masculino, com idades entre 9 a 14 anos que estudam no Reforço Escolar ou como o nome do estabelecimento

¹⁵Há um tempo, quando tive a chance de conhecê-la, em uma oportunidade de me deslocar à residência delas para dar umas aulas particulares de história e geografia básica do ensino fundamental, em meados de 2015.

¹⁶A única parente responsável aqui na cidade de São Luís, haja vista que a mãe dessa aluna mora na cidade de Bacabal, onde mantém as empresas da família.

¹⁷É importante ressaltar que em alguns momentos esses professores estão sendo apresentados tanto pelo eixo da educação doméstica quanto da educação privada de ensino, pois alguns deles trabalham nesses dois ambientes.

¹⁸Essas entrevistas aconteceram na tarde do dia 11 de abril de 2018, todas na sala dos professores da própria escola que se encontrou vazia a tarde toda. Era como se estivesse sido reservada para a realização das entrevistas. O que pode ser considerado um fator positivo, pois foi possível conversar com esses jovens de forma mais particular.

está intitulado: “Instituto Possibilitar”. Sendo 4 destes, estudantes de escolas privadas e popularmente conhecidas na grande Ilha (dois irmãos que estudam na Escola São Marcos, um aluno que estuda na escola Batista Renascença e um outro que estuda na Escola *Educallis*). Quanto ao discurso do aluno de escola pública foi organizado para como uma última análise dos casos, pois diferente de todos os casos citados neste trabalho, este é considerado um bom aluno (pelo menos por um professor deste Instituto), de fácil aprendizado, que se mantém na média escolar. Além destes alunos, a proprietária deste Instituto, que também é psicopedagoga¹⁹ deste local foi entrevistada.

2.1 Experiências Escolares de alunos e alunas da Escola São José

No dia 11 de abril de 2018, ao chegar à Escola São José no turno da tarde acompanhada por uma professora do local²⁰. Dias antes, havia levado uma declaração da Universidade pedindo solicitação para a pesquisa com alguns alunos, então ao chegar, a minha presença já era esperada e fui muito bem recebida por todos naquele ambiente: tanto pelo vigilante quanto pela Coordenação, Direção, Corpo docente e Corpo discente. A psicopedagoga da escola logo demonstrou disposição para uma *entrevista*²¹.

A maioria das entrevistas ocorreu da maneira mais leve possível, em forma de conversa, ou seja, sem hierarquia, sem posição de “entrevistador – questionador-jornalista/entrevistado”, pois, o objetivo da entrevista compreensiva é quebrar essa hierarquia, o tom que se deve buscar é muito mais próximo de uma conversa entre indivíduos iguais. (Kaufmann, 2013, p. 79).

Neste sentido, se pretendia investigar o caso de estudo através de uma conversa em forma de bate papo, rompendo o estilo hierárquico de que os entrevistados pudessem acabar criando nesse momento, até porque, como afirma Kaufman:

Se o entrevistador enumera uma lista de perguntas em um tom morno ou, pior ainda, as lê como se fossem um questionário, a pessoa adotará o mesmo estilo para responder, limitando-se a frases breves, correspondendo aos

¹⁹Esta entrevista se faz descrita no terceiro capítulo deste trabalho.

²⁰ Esta fez a indicação desse campo como local de investigação quando soube que eu estava interessada em pesquisar sobre alunos que estudam em escola privada cujo rendimento escolar não acontece da maneira mais esperada ou “mais positiva”.

²¹ A entrevista com a psicopedagoga desta escola aconteceu antes que eu pudesse conversar com os alunos, o que considero positivo, pois me ajudou a ter um olhar sociológico prévio de como nortear a entrevista posteriormente. Entrevista esta que se encontra no capítulo 3 deste trabalho.

pensamentos de superfície mais imediatamente disponíveis, sem se envolver pessoalmente. (KAUFMAN, 2013, p. 79).

O que se buscou evitar era que os entrevistados se sentissem intimidados durante a entrevista e desta forma, não se sentissem à vontade para deliberar sobre: o seu Processo Educacional, sua Socialização - tanto dentro da família quanto na escola, além do seu desempenho escolar. Porém se entende que nem sempre todos os entrevistados estão dispostos a conversar com uma pessoa que nunca tinham visto antes, então como o esperado pela pesquisa, houve casos de alunos que se abriram mais e outros que pouco falaram.

O primeiro aluno a ser selecionado e encaminhado à entrevista foi o aluno o qual batizo aqui com o nome fictício de Ricardo Mendes. Ele chegou e permaneceu tímido durante toda a entrevista, mas se mostrou disposto a me ajudar com quaisquer informações solicitadas. Tanto que até quando eu me despedi agradecendo sua participação, ele ainda perguntou: “Está tudo certo? Não tem mais perguntas?”, o que me fez indagar se eu estava norteando essa entrevista da maneira a qual eu esperava, pautada na metodologia a qual busquei seguir.

Nessa entrevista com o Ricardo Mendes²², de início eu o observei como um garoto que sofre com algum tipo de ansiedade, o que dificulta até em sua fala. Ele é gago e isso foi um fator que eu fiquei preocupada porque estava entendendo bem pouco o que ele falava e eu estava com receio de pedir para ele repetir várias vezes e deixá-lo desconfortável. Porém, por mais que parecesse nervoso, este se mostrou bem-disposto a responder ao que fosse necessário.

Então eu comecei perguntando como ele vê a questão do estudo? E ele respondeu: “Depende. Tem hora que eu gosto e tem hora que eu não gosto. Depende muito da disciplina e do conteúdo.” (MENDES, Ricardo; 2018). Aproveitei o rumo ao qual a conversa começou a se direcionar, para perguntar qual ou quais a(s) sua(s) matéria(s) preferida(s)? E ele foi bem direto: “Biologia. Mas, também gosto muito de uma parte dos conteúdos de Ciências Humanas”.

A seguir, comecei a investigar dados referentes à localização de onde mora, onde estudou, se sempre estudou em escola privada e ele me disse:

Moro na Vila Embratel desde que nasci. Sempre estudei em escola privada. Comecei a estudar numa escola chamada Dona Zébia, depois fui matriculado

²² Eu já tinha poucas informações sobre esse jovem, tais como: contexto e residência familiares, seu quadro estudantil e suas relações sociais dentro da escola – *principalmente*. Porém, logicamente eu precisaria tentar observar de perto este, que foi algo que eu ainda não tinha feito antes.

em outra escola: a Ariane Maria. (Ambas na Vila Embratel). E estou aqui desde a segunda série até agora. (MENDES, Ricardo; 2018).

Quando eu perguntei a idade, ele disse: “18 anos” e isso levou à pergunta sobre qual série estava cursando e ele disse: 3º ano do ensino médio. Perguntei: Mas, você nunca reprovou, né? e ele disse:

eu repeti de ano quando saí da escola Ariane Maria, na segunda série do fundamental, porque eu saí de lá no meio do ano e passei seis meses sem estudar e quando voltei a estudar, precisei recomeçar a segunda série e quando isso aconteceu, eu já estava aqui na Escola São José. (MENDES, Ricardo; 2018).

Perguntei se além da escola, ele faz ou já fez algum tipo de cursinho ou reforço escolar, ele disse que fazia, mas há uns dois anos parou de estudar em reforço, o que afirma ter sido algo relativamente bom para ele, porque acredita que foca mais em uma coisa só, que é a escola e que agora no terceiro ano, por ser revisão de todas as áreas de estudos, acredita que vai melhorar se comparado aos anos anteriores.

Quando perguntado sobre a residência e a quantidade de irmãos, ele afirmou que mora com os pais e mais dois irmãos: um de 16 e um de 9 anos, em casa própria mesmo. E sobre os avós, ele só recordou sobre os avós maternos, que nem completaram o ensino médio.

Perguntei sobre o grau de escolaridade dos pais e ele disse que a mãe é formada em pedagogia pela UVA (Universidade Vale do Acaraú) e o pai é professor de física (inclusive dessa escola) e ainda disse: “inclusive, sou aluno dele aqui.”²³. E sobre a atual situação da mãe, perguntei se ela estava trabalhando e ele disse que atualmente não.

A partir do comentário sobre o pai dele trabalhar na mesma escola onde ele estuda, é importante analisar também os fatores referentes ao deslocamento até a escola. E ele disse que sempre vai com o pai, de carro.

Quando perguntei sobre como ele gosta de se socializar, ou seja, o que gosta de fazer nas horas vagas, ele disse que gosta de cinema e bastante de computação e falou logo qual carreira pretende seguir: Ciências da Computação.

Perguntei se ele gosta de estudar línguas estrangeiras e ele foi logo dizendo:

²³ Coincidentemente, eu tive a sorte de que ao instante entrevistava esse jovem, o pai dele entrou na sala dos professores. Percebi que era ele porque carregava livros de física e ele passou perto, desejou “boa tarde”, mas não interrompeu e depois eu pedi para que tivéssemos a menos uma breve conversa, sobre o rendimento escolar do seu filho e ele disse que tudo bem, mas que teria que ser muito rápido, pois estava na correria. Mais informações no capítulo 3.

Gosto bastante. O Espanhol é fácil, né? Mas, eu quero fazer é curso de Inglês quando acabar a escola. Até porque é a língua mais falada no mundo, né? Eu prefiro até assistir aos filmes e séries tudo com o áudio em inglês e legendado em português, pra pegar um pouquinho do idioma, tipo: “*Help me, How are you*”. (MENDES, Ricardo; 2018).

Perguntei se ele gosta de ler e se já leu algum livro em língua estrangeira. Ele afirmou que gosta de ler, mas que ainda não leu livros em inglês e que há pouco tempo tinha terminado de ler um livro que virou filme, intitulado: “o pistoleiro”. Aproveitei para questionar que tipos de temas ele mais gosta de ler e ele disse que: mangás e revistas sobre jogos de *vídeo-game* e seus tipos de filmes preferidos e ele disse que: ação, animação, comédia. E referente aos gostos musicais, citou: *Beatles* e músicas pop/rock internacional, só não gosta de forró e *funk*.

E encerrei o questionário perguntando se ele acha que poderia ter um desenvolvimento melhor na escola e ele nem hesitou; disse que poderia. E que acha que só não se desenvolve melhor porque tem dificuldade no entendimento de algumas matérias, principalmente a química. Porém, perguntei ainda o que ele considera como um *problema* na hora de estudar, ele afirmou: “Eu sou muito tímido e gago e devido a isso sofro bullying pelos colegas de classe, então eu evito ao máximo questionar durante as aulas. E em casa, fico desanimado para estudar devido a problemas familiares”. (MENDES, Ricardo, 2018).

Quando eu explanei isso com a professora que comentou sobre esse jovem, a mesma ficou abismada e sensível ao relato dele de se sentir inferior diante de sua turma atual e buscou em sua memória lembranças referente às relações sociais desse aluno (Ricardo Mendes) com sua turma, recordou-se que uma vez, durante uma roda de conversa, ele confessou que *odiava* a sua turma anterior mais do que a turma atual, porque praticaram *bullying* com ele por ele ser gago. Eram poucos os que respeitavam, já nessa atual, há somente uma pessoa que o faz se sentir inferior (que inclusive, é uma das meninas que foi entrevistada – a Laura Rodrigues).

E sobre a família eu perguntei: “que tipos de problemas familiares o incomodam?” e ele: “Meus pais brigam muito.”. Foi perceptível até nos trejeitos desse jovem que ele convive em um ambiente conflituoso e fica abalado diante desta situação, além de não ter incentivo por parte dos pais sobre seu rendimento na escola.

Quando o segundo entrevistado - aluno José Silva²⁴ se sentou para a entrevista, ele também me pareceu muito tímido. Falava baixo e conforme acontecia o nosso

²⁴ Nome fictício.

diálogo, ele parecia um tanto que contraditório no seu discurso, a começar pela primeira resposta, à cerca de quais matérias sentia mais dificuldade e ele disse: “Eu tenho mais dificuldade em: matemática, História, Geografia”. (José Silva, 2018), perguntei então: “tanto humanas quanto exatas, né? Mas, você gosta das ciências biológicas e naturais?”, ele: “não muito!”.

Nascido na cidade de São Luís ,estuda nessa escola desde criança, porém após a terceira série foi morar em Brasília e voltou à Ilha Ludovicense em 2015. Reside no bairro da Liberdade (área periférica de São Luís) e desde criança estuda em escola particular, ele tem um irmão que também estuda em escola particular localizada no bairro onde residem juntamente com a mãe, pois seus pais são separados. E isso trouxe a reflexão de que seus pais desde o início de sua educação preferem investir nesta.

Algo que me surpreendeu nesta entrevista foi o momento onde eu perguntei sobre a escolaridade e sobre a profissão dos seus pais e ele disse: “O meu pai estudou até a quarta série, porém a mãe completou o ensino médio. Meu pai é piscineiro e minha mãe é revendedora de cosméticos”. (José Silva, 2018). Afirmando que me surpreendeu, porque devido à resposta dele, eu fiquei bastante reflexiva sobre ter que mudar o nome de todo o trabalho, que até então era: *ESTRATÉGIAS ESCOLARES: um estudo de caso referente às famílias abastadas e seus jovens com baixo rendimento escolar, em São Luís-Ma.*

Sobre filmes e séries, ele disse que só gosta de filmes, séries não porque não tem paciência para acompanhar uma história. Sobre o que faz para se socializar, ele disse que gosta de jogar futebol e andar de moto. Sobre língua estrangeira, ele disse que gosta demais de Espanhol, mas só para estudar mesmo, pois não gosta de ficar conversando em espanhol. Assinaturas de revista: “só as do serviço da minha mãe”. (José Silva, 2018). Que lugares gosta de frequentar? – praia, cinema, *shopping*. E tipos de música? – *Funk, rap*, principalmente, mas gosta de todas. E como se desloca à escola? Às vezes de ônibus, às vezes minha mãe vem me deixar de carro (próprio).

Seus amigos mais próximos moram nos bairros Liberdade e Monte Castelo (bairro onde ele mora e o bairro onde ele estuda). Ele e sua família moram em casa própria.

Ao afirmar seus 18 anos, o José Silva relatou que reprovou na quinta série. Perguntei: “Você acha que poderia melhorar o que nos seus estudos?”-“Eu acho que poderia largar mais de ver celular, televisão, concentrar mais nas aulas.”, então perguntei: “Mas, tua mãe te indaga sobre como foi seu dia na escola, se tem atividades a

fazer?”, ele: “- De vez em quando.”. E continuei: “E você tem um canto de estudos em casa, por exemplo, um quarto só para você?”, ele afirmou que tem, pois, seu irmão dorme com a mãe, no quarto dela. Então ele confessou que não tem nada que o atrapalhe a estudar, mas que devido à preguiça e falta de concentração ele não consiga estudar.

Durante esta entrevista foi perceptível a simplicidade de palavras utilizadas pelo estudante para suas respostas, e ao que me transpareceu isso pode ser tanto pela timidez quanto pela sua introspecção.

Após essa entrevista, foi a vez da Raissa Moura, de 16 anos, da mesma turma do Rodrigo e do José Silva, terceiro ano. Pela idade e pelo fato de estar no terceiro ano, perguntei se esta era adiantada, porém ela disse que ainda vai completar 17 anos este ano. Seu tom de voz parecia “robótico” no início, o que é natural de alguma maneira, mas aos poucos ela foi se soltando e conversamos bastante. Foram exatos trinta e oito minutos de diálogo.

Ela estudou na Escola São José no oitavo ano, saiu e voltou para cursar o terceiro ano. Perguntei se ela fazia reforço escolar e ela disse que desde pequena, ela fazia reforço, mas deixou de fazer quando estava no oitavo ano. Aproveitei para indagar em qual escola ela estudava anteriormente e ela disse:

Sou uma nômade. Eu estudava na escola São Marcos (1° e 2°), mas antes eu estudei no Marista, O bom pastor, Batista, Escola Fênix e até estudei em escola pública: nas escolas Bandeira Tribuzi e no Vinicius de Moraes. Na Escola Bandeira Tribuzzi (nem lembro qual foi o ano, acho que foi no 7° ano/ sexta série), eu achava tenso. Meu pai falava que eu era muito besta, desligada da vida, até que uma vez eu *tava* encostada na porta da sala, um menino passou correndo, me derrubou e na queda eu quebrei o braço. Além desse acontecimento, tinham umas coisas muito estranhas na escola, tipo, do nada encontravam roupas de umas meninas espalhadas em algum lugar e eu só ficava pensando: “Meu Deus do Céu, vão me sequestrar!”, aí depois desse ano, voltei a estudar em escola particular, que foi até aqui, na Escola São José, no nono ano. Mas, depois desse ano, voltei a estudar em escola pública, no Vinicius de Moraes. Era mais calma que no Bandeira Tribuzi, com certeza! Eu gostava de lá, tinha até aulas de teatro, que eu comecei a fazer. (Raissa Moura, 2018).

Pode ter parecido um discurso confuso, mas ela explicou detalhadamente cada mudança de série e de escola. Tentemos entender: ela estudou o 8° ano (sétima série) na Escola São José, porém nos anos seguintes voltou a ser mudada de escola, indo cursar o 9° ano na Escola pública Vinicius de Moraes, 1° e 2° anos na Escola São Marcos e este ano de 2018, regressou à Escola São José.

Em seguida, eu perguntei porque depois de tantas mudanças, os pais não resolveram deixá-la concluir os estudos na Escola São Marcos, onde ela já estava mais

adaptada e a mesma respondeu que foi porque seus irmãos começaram a estudar na Escola São José que é a escola é mais próxima do trabalho da mãe, então para evitar o desgaste de tempo e gasolina foi necessária essa mudança, ainda mais para uma família que mora no bairro Araçagi, que é considerado longe das regiões centrais.

Nesse relato da entrevistada foi perceptível as demasiadas mudanças de escolas, o que poderia ser um fator prejudicial para o rendimento escolar dessa jovem. Porém, os meios iniciais de socialização de uma pessoa ajudam a criar até mesmo as sensações de medo ou de bem-estar no ambiente escolar, o que pode interferir em seu rendimento. Ou seja, usando este caso como observação se percebe que desde criança essa jovem foi adaptada a um meio escolar de forma privatizada, onde passou a grande maioria de carreira estudantil, eis que abruptamente, seus pais decidem colocá-la em uma escola de cunho público (na Escola Bandeira Tribuzi – no sétimo ano), ela passou a observar comportamentos os quais não estava acostumada nas escolas privadas onde tinha estudado antes e isso passa a desenvolver sentimentos de medo, tal como ela relatou e o pediu aos pais para que voltasse a estudar em escola privada.

Nascida em São Luís, atualmente mora no bairro do Araçagi e que devido a essa distância, é deixada pela sua mãe quando ela vai trabalhar, principalmente quando tem aula pela manhã ²⁵. Ela disse que enquanto ainda não souber pegar ônibus, ela continuará tendo que se deslocar à escola com a mãe, até porque a parada do Araçagi fica um tanto que distante da sua casa e ela tem medo das avenidas, por serem muito largas. E ainda tem o fator “tempo”, que ela disse que se se deslocasse à escola de ônibus, não conseguiria chegar à escola no horário, já que as aulas no turno matutino começam às sete da manhã. Todavia, ela disse que ser deixada na escola não atrapalha a rotina de trabalho da mãe, porque a loja da família fica próxima à escola.

Sobre a escolaridade dos pais, ela disse que seu pai não terminou os estudos e que ele próprio confessou que não terminou os estudos porque ele ficava brincando na rua, pois nenhum adulto se disponibilizava para leva-lo à escola, o que o fez pensar que estudar seria irrelevante. Ele morava na cidade de Guimarães. Já sua mãe fez até curso superior, mas ela não soube dizer qual a formação dela. Porém, afirmou que eles trabalham juntos. Eles são empresários – donos de duas lojas de móveis projetados (o

²⁵ A ESJ é considerada uma escola de tempo integral, porém como não tem restaurante, geralmente os alunos vão almoçar em casa, já que é considerada uma escola “de bairro”, onde o percentual majoritário reside nas regiões próximas como: Alemanha e Liberdade e quando essas aulas no turno matutino acontecem, em pelo menos três vezes na semana, ela vai à escola preparada para passar o dia todo, inclusive levando até sua própria refeição.

pai cuida de uma loja que fica no Anjo da Guarda e a mãe, em uma loja, no Monte Castelo, junto com o meu tio – irmão do meu pai). Já seus avós, tios e demais parentes, em sua maioria formaram em algum curso superior. Ela disse que em sua família há muitos médicos.

Até perguntei se em algum momento seus pais já a influenciaram aos negócios, como uma herança, ela disse que não e mesmo se oferecessem, ela não ia querer, porque não se enxerga numa profissão dessas. Ela disse que só gosta de ir lá ajudar quando está precisando de dinheiro, como já aconteceu ano passado, pois ela precisava pagar a sua prova de recuperação da escola e queria se esforçar para tal, pois sabia que a recuperação na Escola São Marcos era cara, “por exemplo, em três provas, a escola ganhava R\$ 75,00 e a maioria dos alunos lá costumava ficar de recuperação em umas 5 disciplinas”, segundo ela.

A Raissa disse que na Escola São Marcos, muitos eram os que ficavam de recuperação. Tanto que quando precisava fazer recuperação, ela perguntava se tinha entrado na sala certa e se estava tendo aula. Já que ela mencionou comentários acerca disso, busquei investigar quantas vezes ela já ficou de recuperação, pelo menos lá nessa escola anterior e ela disse:

No 1º ano eu não fui nada bem em química, tanto que passei pelo conselho. E eu ficava muito injuriada porque eu passava em outras 14 matérias, menos em Química; parece que eu só não conseguia aprender Química. E eu quase não passei em Física, foi por pouco porque eu consegui me recuperar na prova final. Ano passado (2º ano), eu me recuperei em Física, Biologia, Sociologia e Filosofia – que eu era mais ou menos assim, com exceção a bendita química, enquanto nas demais eu estava tranquila, minhas notas variando somente em 9 e 10. Lá é assim: a soma das notas tem que dar pelo menos 17,5 e se tirar seis numa prova e seis na outra, já não dar *pra* recuperar quase nadinha. É porque vem um simulado de São Paulo – eu acho que eles pensam que a gente é superdotado e esse simulado vale 5, mas ninguém consegue tirar mais do que 2. Uma vez, eu até ganhei um prêmio de melhor simulado do ensino médio (uma ida ao cinema: tudo pago pela escola), sendo que minha nota foi 1,5. (Raissa Moura, 2018).

Sobre as escolas São Marcos e São José, ela disse que até que não sentiu o peso ao mudar de uma a outra, porque o que aprendeu principalmente no segundo ano, está revendo atualmente no São José e não está sentindo tantas dificuldades. Porém, ao fazer uma auto avaliação de como era o seu rendimento escolar com base em todas as escolas onde estudou, ela disse:

Eu nem lembro muito daquele tempo. Só lembro que quando estudava na escola Batista, na quinta série/sexto ano, eu era bem mais focada do que atualmente. Dessa época *pra* cá passei por uma Revolução, porque eu só tirava notão. Parece que conforme o tempo passou, eu fui ficando mais burra, sei lá. [risos]. (Raissa Moura; 2018).

Foi perguntado porque provavelmente aconteceu essa mudança no rendimento escolar. E ela:

Não faço ideia, porque, *tipo assim*, eu tô no terceiro ano e não faço ideia do que quero fazer da minha vida. Eu tô estudando há 17 anos pra fazer uma prova de ENEM e aí? É muita pressão. Hoje em dia, as pessoas me cumprimentam e já perguntam: “E aí, e o ENEM?” e eu digo: “*taí, né?*”. (Raissa Moura, 2018).

Percebe-se pelo discurso da jovem, que a sociedade como um meio muito amplo e cheio de cobranças, se faz cada vez mais necessário estar decidido e preparado a terminar o ensino médio e rapidamente se esforçar para estar logo no ensino superior ou técnico ou arranjar algum emprego, porque se precisa estar a todo tempo em “desenvolvimento”, tal como o âmbito social. E ela prosseguiu dizendo:

Eu não sei se realmente, ao terminar o ensino médio eu já quero estar entrando numa faculdade, até porque eu quero passar um ano trabalhando e juntar dinheiro, aí eu ia ver se ia estudar também para me preparar para fazer o ENEM, porque eu tenho medo também de não passar. E, assim, quase todos os meus tios fizeram medicina, mas não fizeram aqui no Brasil. Eles fizeram na Bolívia e vivem me falando que se eu quiser seguir a carreira de medicina, eles podem pagar para mim e auxiliar com todos os custos, mas eu ainda tenho essa dúvida quanto a que carreira seguir. (Raissa Moura, 2018).

Sobre que curso superior pretende fazer, ela disse que antes pensava em dez cursos, mas hoje em dia diminuíram para 5: Música, Medicina (ênfaticamente que talvez mais por influência familiar, pois seus tios de parte de mãe, em sua maioria são médicos. E que já se sentiu mais pressionada pela família a cursar, pois esses tios já comentaram sobre financiar a faculdade à ela), Astronomia, Cinema e Jornalismo (mas ela falou, que teme ficar sem emprego aqui em São Luís). Dentre essas profissões citadas, ela tem mais interesse pelas áreas de teatro e cinema.

Ela citou as disciplinas de História e Arte como suas favoritas, pois gosta bastante desses estudos de ciências humanas, mas que agora no terceiro ano começou a gostar de química.

O que gosta mais de fazer é assistir a filmes e séries, uns documentários, comer e dormir. E admite que se deixar, passa o dia dessa forma e acaba não estudando. Sobre sua preferência em assistir programações em língua portuguesa ou estrangeira. Ela foi logo afirmando, até que de forma leve e cômica:

Dublado é uma ‘porcaria’. Prefiro assistir na língua oficial, pois as vozes em português são muito estranhas. E quando são os mesmos dubladores? Na minha antiga escola (o São Marcos), tinha que escolher ou inglês ou espanhol, igual ao *Enem* e a galera lá tudo: ‘eu quero inglês’. Aqui estudamos

as duas disciplinas e eu percebo que a galera daqui gosta muito de espanhol, mas *pra* mim tanto faz! Eu já tentei até aprender francês. (Raissa Moura, 2018).

Quando perguntei se ela já fez ou faz a prática atividade(s) artística(s), ela citou tantas que a entrevista fluiu mais. Ela disse que já fez teatro, aula de canto, aula de instrumentos e sabe tocar alguns como: flauta e violão.

Sobre o seu gosto por livros e interesse pela leitura:

Eu gosto de ler. Principalmente dramas, romances clássicos estilo Jane Austen – uma escritora inglesa – cujo linguajar é bem difícil, bem rebuscado, porque seus escritos são de meados de 1812. Eu já li mais. Ano passado eu lia um livro por dia, claro que não livros grossos como os da Jane Austen. Mas dá pra ler daqueles livros que são 3 ou 4 em um livro só. Li um que tinha mais de 700 páginas, em 2 dias. (Raissa Moura, 2018).

De acordo com o hábito de leituras dela, em um dia não dá para ler um livro muito grande, mas em dois dias, é possível que se consiga terminar um livro muito maior. Ela já leu a livros em outros idiomas e citou: “*El crime del la N*”, de Amelia Blas Nieves, Alice no País das Maravilhas (em inglês) e afirmou que eram poucas as palavras as quais não conseguia entender e eu logo pesquisava na internet o significado.

E eu perguntei: “estilo *O morro dos ventos uivantes*? E ela: “Esse livro é muito bom. Eu amo esse livro.” Sobre assinaturas de revistas, ela disse que tinha da VEJA, ÉPOCA[...], mas até seus pais que assinaram, não liam, então decidiram cancelar.

Sobre seu vínculo de amizades, ela disse que conhece pessoas que residem na Chácara Brasil, próximo ao seu bairro; Renascença – que é onde residem a maioria dos seus amigos da época da Escola São Marcos – que ela até brincou:

eu era a ‘excluída’ do grupo porque morava mais longe da escola. ‘A louca do Araçagi’. Era tipo assim: a galera falava vem *pra* minha casa?! Eu ia, agora quando eu convidada, a galera falava logo: “Aaah, não! Tu *mora* muito longe! Se bem que eu sempre morei longe das escolas onde já estudei. Antes do Araçagi, eu também já morei no Maiobão. [risos]. (Raissa Moura, 2018).

Em seguida perguntei se seus pais a influenciam muito a estudar e ela disse que eles falam, mas o que mais a influencia a estudar é a situação de querer ter um bom emprego e ser independente.

Ela disse que quando chega a casa, não demora muito tempo e avisa à mãe que vai fazer um descanso de meia hora e que é pra acordá-la em determinado horário, pra estudar ou então pede que a acorde por volta das duas e meia, pois prefere estudar de madrugada, mas a mãe acaba acordando-a às cinco e quarenta (horário habitual de acordar). Na realidade, ela avalia a escola como muito cansativa, mas considerou o lado

positivo de passar o dia lá, pois às vezes, após o almoço, consegue revisar alguns conteúdos antes da aula vespertina, principalmente por ter dificuldades em estudar em casa.

É perceptível até na forma de falar da Raissa, que ela gosta de ler, não tem medo de falar em público²⁶ e a mesma enalteceu que também gosta muito de escrever, principalmente quando está estudando Sociologia, porque ela disse que se ela for explicar falando, ela tende a se atrapalhar.

Ela enxerga nos estudos um meio importante de ascensão social e profissional, o que são fatores positivos, porém como ela mesma falou no início da entrevista: o seu caso é o da preguiça e cansaço devido ao fato de morar longe da escola e de que por acordar muito cedo, privilegia seu descanso e quando não tem que estar na escola, ela gosta muito de passar o dia assistindo a várias coisas, cuidando dos seus cachorros – isso quando não tem que cuidar da organização da casa, já que tem dois irmãos mais novos, que segundo ela, bagunçam demais. Então ela relatou que já foi uma aluna mais esforçada do que atualmente.

Após a Raissa, encaminharam à sala, a aluna Amanda Figueira²⁷, que estuda na Escola São José desde o ano passado e anteriormente estudava na Escola São Vicente de Paulo²⁸. Desde criança estuda em escola particular; antes do Colégio São Vicente de Paulo estudou no Instituto Farina²⁹.

Ela mora no Coheb do Sacavém, desde que nasceu. Tem 14 anos. Disse que seu pai é de São Luís mesmo e sua mãe é do Piauí. O pai trabalha na CAEMA e a mãe é dona de casa.

Ela disse que percebeu que suas notas estavam melhorando no começo deste ano, quando começou a se dedicar mais; a estudar mais em casa, fazer as atividades em dia. Relatou que já frequentou cursinho preparatório ou reforço escolar, mas que atualmente está estudando sozinha.

Quanto ao grau de escolaridade de seus avós, informou que eles estudaram até o segundo ano do ensino médio, porém não terminaram. Perguntei então sobre suas matérias preferidas, ela disse que: ama demais a área de exatas. Gosta de ler, mas

²⁶ Ela afirmou isso durante a entrevista; falou que só ficou nervosa uma vez: quando fazia curso de teatro e precisou apresentar uma peça.

²⁷ Nome fictício.

²⁸ Escola localizada na Avenida João Pessoa, nº204, no João Paulo. Ver: <http://www.csvpma.com.br/modulo.php#mostradorSobre>; acessado em: 15 de junho de 2018.

²⁹ Escola localizada na Quadra 17 - Número 05 – Bairro: Filipinho. Ver: <http://www.institutofarina.com.br/farina/>; acessado em: 15 de junho de 2018.

prefere calcular. Ainda não pensou sobre que curso fazer, mas que pretende fazer universidade e está se preparando para o ENEM. Atualmente está no 2º ano do ensino médio.

Ela disse que suas amigas mais próximas vivem nas áreas perto da escola. Foi perceptível uma introspecção nela, principalmente a respeito dos seus meios de socialização. Ela se considera mais caseira e não gosta tanto de sair, tampouco de praticar atividades artísticas.

Percebi durante esta entrevista que a jovem parecia tímida e um pouco acanhada, além de estar se recuperando de uma leve dor, o que é importante levar em consideração, pois se o bem-estar do indivíduo não estiver a par, ele poderá cansar-se até mesmo de uma conversa. Portanto, respondeu ao básico, mas o bastante para tentar entender sobre seus processos de escolarização e socialização. E são nesses momentos que o Kaufman e o Mills se encaixam quando explicam que é necessário adotar um método que torne a entrevista em algo mais espontâneo e que faça as pessoas se sentirem à vontade sobre o que estão narrando, ainda mais, pelo fato de narrar sobre a vida deles a uma pessoa até então, desconhecida. Foram feitas perguntas sobre livros, filmes, séries e lazer e ela apenas respondeu que gosta de ler um pouco, porém que não gosta de assistir a filmes e séries. A entrevistada foi bem direta, mas fez refletir sobre o quanto é necessário estar interagindo enquanto pesquisador.

Por último, há os relatos da aluna Laura Rodrigues³⁰. Nascida em São Luís, tem 18 anos e está no terceiro ano do Ensino Médio. A mesma começou dizendo que gosta das áreas de exatas, principalmente de Matemática, carreira a qual pretende seguir. Ela disse que não gosta de ir à escola dia de sexta-feira porque não tem nenhuma matéria de exatas, pois é aquele dia só humanas.

Quando perguntada se poderia melhorar nos estudos, afirmou que sim e relatou que se sente mais prejudicada nas áreas de Ciências Humanas e Naturais³¹, principalmente humanas e para ser mais específica: na disciplina de Geografia, pois mudou de professor e o atual tem uma metodologia bem diferente do anterior (o qual ela afirmou que só tirava notas altas, porque compreendia melhor as aulas).

Eu perguntei como é a rotina de estudos dela e ela disse:

³⁰ Nome fictício

³¹ Talvez pela falta de leitura, já que ela disse que não gosta de ler. A não ser que seja uma leitura extracurricular, estilo romance. Ela tem preferência para a classificação 'romance' também para filmes.

Até meu pai pergunta isso, porque não me vê pegar *num* livro. Eu não sou do tipo de aluna que estuda. Ainda mais se eu *tô* entendendo a aula. Se for perguntar *pra* professora Luciene se eu copiava as aulas dela no primeiro ano, ela vai dizer que eu não copiava. Mas, eu entendia tudo. Agora se eu não entendo a aula, eu tenho que pegar o livro. Agora assim, como ano passado eu tive muita dificuldade em filosofia e sociologia, a cada coisa que ela falava, eu *tava* anotando e ainda estava com o livro aberto no capítulo estudado, aí o conteúdo ia ficando na minha mente. Quando eu faço isso, eu não estudo *pra* uma prova. E como eu já disse: este ano eu *tô* com muita dificuldade em geografia, eu tenho que pegar para estudar agora, porque eu sei que se ele continuar dando aulas aqui, eu vou pagar prova de recuperação com ele, mas não é porque é culpa minha. É porque ele fala como se todos já soubessem o conteúdo (Laura Rodrigues, 2018).

Disse também que percebe seu aprendizado aumentar quando o professor (seja ele de qual disciplina for) passa exercícios de fixação, diferente do professor de geografia, que conforme a afirmação dela não passa atividades de revisão antes das provas. E disse que se as aulas de geografia continuassem sendo ministradas pelo antigo professor, ela estaria tranquila, porque ele tinha uma metodologia diferente. E ressaltou:

Com esse atual professor geografia não, eu não aprendo! Eu não aprendo! Só quem tem muita facilidade para entender. É que nem a professora de história. Eu *tô* com dificuldade em história também, porque ela ensina em tópicos. Ela não faz aquele texto no quadro e vai explicando, nem traz *data show*. Já Filosofia e Sociologia, a professora explica a aula, acompanhando pelo livro, então eu já consigo me manter pelo menos na média nessas duas disciplinas. (Laura Rodrigues, 2018).

Como afirma Durkheim em “A educação Moral”: “Em qualquer um desses casos, o que podemos constatar é o que respeito pela disciplina não tem sua origem na crença nas sanções que reprimem as violações da regra.” (DURKHEIM, 2008, p. 160). O que este autor nos esclarece é que de nada adianta ter um método de ensino tradicional, pois ao final, o que deve importar é se os alunos gostam e compreendem as aulas.

Perguntei se na turma dela há muitos casos de alunos com dificuldades e ela disse que há uns 3 ou 4 alunos que “não querem nada com a vida”.

É porque eles são muito calados, não perguntam nada, mas acho que eles [... e fez uma expressão como se quisesse informar que eles têm alguma anomalia]. Tem até um que o pai dele é professor aqui [observe a descrição do caso Ricardo Mendes – que afirmou inclusive em sua entrevista que não se sente à vontade em sala de aula por causa de uma moça] e nem nessa matéria ele tira nota boa, aí eu e umas colegas perguntamos ao professor porque o filho dele não tira nota boa nem na sua disciplina e ele nos respondeu com uma pergunta: - quando vocês querem tirar nota boa, vocês não correm atrás? Pois assim que o Ricardo tem que ser. Eu dou aula em muitos lugares, chego em casa onze horas da noite, mas se ele me procurar e disse: “- pai, senta aqui comigo e me explica aqui, pois eu não entendi aquele assunto, eu paro para ajudá-lo”. Tipo assim, *tu acha* que se eu tivesse um pai

professor de física ou química ou matemática, eu não ia sugar todos os conhecimentos dele? (Laura Rodrigues, 2018).

Ela continuou narrando sobre esse aluno:

Quando ele chegou à minha sala, ele falou uma vez que ele sofreu *bullying* na turma que formou ano passado e que se sentiu mais bem acolhido na nossa sala do que nessa sala anterior. O irmão dele do meio também tem dificuldades tanto quanto ele. O irmão do Ricardo estudava aqui também, até o nono ano, mas agora ele está na Fundação Bradesco. Ele tem dois irmãos: esse do meio e um outro, que é criancinha ainda. (Laura Rodrigues, 2018).

Foram valiosos esses comentários sobre o baixo rendimento escolar dos seus colegas de turma, frisando especificamente um dos casos mais frágeis desta pesquisa.

Sobre a profissão dos pais ela disse que o pai era carreteiro, mas já está aposentado, devido a problemas cardíacos e a mãe trabalha em uma clínica como recepcionista. Tanto o pai quanto a mãe só têm o Ensino Médio completo. Mas, sempre investiram na educação dos filhos.

Ela afirmou nunca ter frequentado cursos de reforço, somente um preparatório para as provas: do IFMA (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão) e COLUN (Colégio Universitário – UFMA) e disse que ficou com muito insatisfeita quando não passou na prova do IFMA, pois afirmou ter feito 25 pontos e pôs a culpa no sistema de cotas para negros, porque acredita que perdeu a vaga para pessoas que se cadastraram pelas cotas. E pediu para explicar seu olhar sobre esse sistema:

Ah, aqui na escola esse tema está sendo muito discutido e eu penso assim: “no que a cor da pessoa vai influenciar nos conhecimentos dela? Aí a menina lá da sala falou: “Ah, mas isso é porque os negros já sofreram muito no passado!” Mas, eu acredito que inseri-los no sistema de cotas é um sinal de preconceito, porque parece que estão duvidando da capacidade dos negros. Agora assim, eu não digo nada quando a disputa em questão é com a Escola Pública porque eu reconheço que tem muita diferença de ensino: tem greve, tem manifestação e aí a escola para, aí os estudantes terminam um ano dentro do outro já. Então esses estudantes de escola pública têm essa diferença com os alunos de escola particular. (Laura Rodrigues, 2018).

A partir do comentário dessa aluna, analisemos o que Carvalho Filho (2016) explica a partir de Eliane Cavalleiro (2010) que mesmo sem perceber, as relações étnico-raciais como: “o racismo, o preconceito e a discriminação racial e social, vigentes na sociedade brasileira, configuram-se no cotidiano escolar, muitas vezes de modo oculto.” (CARVALHO FILHO, 2016, p.378).

E quanto ao estudo dos avós disse que tanto o avô quanto a avó têm ensino superior. O avô é Engenheiro Agrônomo e a avó é formada em administração.

Sobre cursos artísticos que gosta – ela disse que gosta bastante e que faz teatro e oficinas de improviso e que estava participando de uma peça: “Amor, com amor, se paga!”. Estilo de música: varia, porém, gosta de ouvir mais músicas evangélicas e se auto afirmou como tal.

Quanto à língua estrangeira, disse que gosta bastante da língua Inglesa, porque o inglês não muda, é tudo a mesma coisa. *Present continuous, Simple Past, future immediate, Simple future*” (RODRIGUES, Laura, 2018). Porém, ela não chega a ser dessas pessoas que assistem a tudo em Inglês e que fica estudando muito o idioma; apenas na sala de aula mesmo. E afirmou nunca ter lido nenhum livro em língua estrangeira.

Com base no que foi respondido acima, se percebe que o seu processo de socialização escolar pode ter sido um dos maiores fatores, se não o maior, ao que poderia se tornar em mais reprovações desta estudante. Ela não se importava se suas notas estavam decaindo, contando que estivesse envolvida em seu meio social de amigos, porém reconheceu que a mudança de escola foi necessária porque antes ela ficava em recuperação em 7 disciplinas, hoje em dia já baixou para: cinco, quatro, três, duas.

Como se pôde observar nas entrevistas com alguns estudantes (e, também nos relatos da psicopedagoga da Escola São José), os maiores motivos para o baixo rendimento escolar de alunos da escola São José: são algumas patologias cognitivas e psicológicas e a Falta de interesse (como foi muito bem enfatizado principalmente por duas³² das três alunas entrevistadas).

2.2 Reforço escolar: escolarização privada e dificuldades escolares

Foram entrevistados cinco alunos de um Reforço Escolar (Instituto Possibilitar³³). Todos do gênero masculino. Com idades entre 9 e 16 anos. Sendo destes, quatro de escola privada e apenas um de escola pública³⁴. Por fim foi entrevistada uma aluna de escola privada que tem aulas de reforço escolar em sua casa.

³² Laura Rodrigues e Amanda Figueira. (Nomes fictícios).

³³ Localizado na Rua Seis, no Bairro Calhau Litorânea, considerado de Classe Média Alta.

³⁴ O qual resolvi trazer a fim de fazer um comparativo com os demais, pois de acordo com um dos professores e com a psicopedagoga, ele é considerado um aluno que aprende rápido e que gosta de perguntar quando sente dúvidas.

Preferi descrever primeiro os casos dos alunos de escola privada e por último, esse aluno de escola pública³⁵, fazendo um paralelo entre todas as histórias de vida escolar dessas crianças e desses jovens.

No caso do aluno Fernando Oliveira³⁶ que é natural de João Pessoa, estado da Paraíba, mas que mora na Ilha de São Luís – MA desde o meio do ano letivo de 2015. Assim que chegou, começou a estudar na Escola Reino Infantil (considerada uma das maiores escolas particulares de São Luís), onde preencheu os últimos seis meses de aula daquele ano. Após concluir esse ano letivo na escola Reino Infantil, seus pais resolverem tirá-lo da escola, porque seu desempenho escolar começou a cair, então o inseriram na Escola *Educallis*, onde estuda desde 2016 e disse que se adaptou rápido.

É importante ressaltar que sua trajetória escolar, desde João Pessoa, se passa em escolas privadas e que atualmente está na Sétima série (oitavo ano), sendo que era para ele estar no 9º ano, pois tem 14 anos e reprovou no seu primeiro ano de estudos na escola *Educallis*.

De acordo com a psicopedagoga e proprietária do Instituto Possibilitar, o Fernando:

Está no Possibilitar desde o ano passado. Chegou com uma dificuldade muito grande em matemática. Ele estava à beira de reprovar novamente, porque ele já tinha reprovado uma vez, mas não estava com a gente ainda. Conversei com a mãe dele sobre a situação. Ela ficou preocupada, me perguntando se tinha como ele melhorar, eu disse para ela: “tem sim. Calma!”. O Fernando é um menino comportado, que presta atenção nas aulas, não tem diagnóstico de problema mental. Agora, o problema que o Fernando tinha era emocional. Por que? Porque ele já estava inseguro, achando que ele não conseguia; ele ficava nervoso. Hoje o Fernando deu um salto. (psicopedagoga do Instituto Possibilitar, 2018).

É perceptível até na pergunta da mãe desse aluno, que ela própria já estava sem expectativas na capacidade do filho, após uma reprovação. O que a cada vez mais tem se tornado muito comum: os pais, pouco esperançosos, recorrendo a reforços escolares ou a aulas particulares no seio familiar ou em alguns casos, mudando de escola. Porém, como descrito aqui, ao que indica, a troca de escola e de cidade antes do fim de um dos anos letivos desse jovem, pode ter enfraquecido os elos de recuperação desse estudante. E a família, ao tentar prevenir uma futura reprovação, mudou-o de escola mais uma vez, o que pode ter sido uma das causas do que acabou acontecendo ao final do ano seguinte.

³⁵ Aqui me refiro aos alunos do Instituto Possibilitar. A aluna de educação privada em sua residência, faço a discussão à parte.

³⁶ Nome fictício.

Sua família reside no Residencial *Grand Park* (em frente ao Instituto Possibilitar). Seu pai é radiologista e sua mãe é cabelereira. Tanto o pai quanto a mãe terminam o ensino médio, mas não soube informar se a mãe chegou a frequentar a uma universidade e se o pai tem formação universitária ou técnica.

Sobre a disciplina que mais está gostando atualmente, relatou que é Ciências porque estuda o corpo humano e ele pretende seguir a área da medicina; e as disciplinas as quais estava com mais dificuldade eram História e Matemática. De acordo com informações mais recentes (do mês de junho) ele informou que percebeu sua melhora no rendimento escolar grandiosamente desde começou o reforço no Instituto Possibilitar, pois agora se mantém nas médias entre 8 e 9, principalmente nas disciplinas que tinha mais dificuldade, que eram: História e Matemática.

Sobre atividades esportivas, ele gosta bastante de futebol e uma arte marcial chamada *Muay Thai*, a qual ele já praticou no ano de 2017. E disse que o seu maior meio de socialização é quando se junta aos primos (alguns primos moram no *Grand Park*, outros no bairro do Turu) e aos amigos para jogar futebol. Seus estilos musicais preferidos são: *rap*, *funk* e sertanejo.

Sobre o interesse em língua estrangeira, ele disse que não gosta muito e que não tem costume de assistir a filmes e séries legendados, porque sente que desfoca ao tentar ler a legenda e acaba não se concentrando na história, então prefere estudar línguas estrangeiras somente na escola e a respeito de livros que já leu, disse que os únicos livros não escolares que leu foi a coletânea “Os diários de um banana.”

E quando perguntado sobre o que mais dificulta seus estudos, assim como o caso do José Silva³⁷, ele diz que o que mais prejudica seus estudos é o celular, pois enquanto não descarrega, ele não consegue concentrar para fazer suas atividades escolares.

Na época da entrevista, o Fernando disse que pretendia focar nos estudos de Matemática e Ciências³⁸, pois considera essas matérias, as mais importantes. (E de acordo com as últimas informações adquiridas, ele tem melhorado bastante nessas disciplinas).

A seguir, conversei com o Mário Marques³⁹. Vou usar o mesmo sobrenome tanto para esse (o irmão mais velho) quanto para o menor, para não confundir, mas é importante ressaltar que eles são filhos somente da mesma mãe.

³⁷ nome fictício de um dos alunos do terceiro ano da Escola São José.

³⁸ Bases do ensino de biologia.

³⁹ Nome fictício

Ele natural de Belo Horizonte, tem 14 anos, está no 9º ano e há três anos, ele e sua família vieram morar em São Luís. Começou a estudar no Instituto este ano, pois antes estudava em outro. E começou a sentir mais dificuldades quando estava no 8º ano, nas disciplinas: português e história e enfatizou: “sempre foi português e história.” (MARQUES, Mário; 2018), mas na atual série, afirmou sentir dificuldade em português e biologia, pois em história ele está melhorando. E suas disciplinas preferidas atuais são: matemática, espanhol e ética.

Ele estuda na Escola São Marcos e disse que ano passado, ainda não se sentia à vontade na atual escola, porque devido à diferença estrutural das cidades (Belo Horizonte e São Luís) demorou a se adaptar, mas este ano já está se adaptando bem. E se comparada à sua escola passada (em outra cidade), ele não considera a São Marcos uma escola tão organizada, mas que está considerando boa. De família cristã-católica, estudou em uma escola religiosa e de ensino público, em Belo Horizonte: Escola Estadual Sagrada Família São Francisco.

Seu pai tem uma marca própria de calçados (e continua morando em BH), ou seja, não só uma empresa, é uma própria marca; sua mãe é gerente da empresa de Telecomunicações e Televisão – TVN daqui de São Luís desde 2014 – ela veio morar na capital ludovicense um ano antes de seus filhos virem. Ela buscou estabilidade primeiro. Ele disse que em Belo Horizonte, a empresa onde sua mãe trabalhava faliu e ao pesquisar, descobriu que a TVN estava contratando e o salário estava muito bom. Nesse meio tempo, ele e seu irmão ficaram morando com o seu padrasto por um ano até ela se estabilizar financeiramente. Seus pais são separados e ele tem um meio irmão, de 9 anos, por parte de mãe (o Pedro Marques). Atualmente estão morando no Condomínio *Grand Park*.

Haja vista que o serviço de sua mãe fica também localizado nas proximidades do bairro Calhau Litorânea, onde fica a escola, no turno matutino, leva ele e seu irmão e no horário do almoço, busca os dois. Após o almoço, ela volta ao trabalho e deixa-os no Instituto Possibilitar, mas o Mário enfatizou que do reforço escolar, ele e seu irmão voltam a pé, tanto pela proximidade, quanto pelo fato da mãe ainda não ter chegado do trabalho, que de acordo com ele, o turno dela acaba já no turno da noite.

Nessa entrevista, sobre preferência de língua estrangeira, ele disse que prefere o espanhol, mas ao regressar a este Instituto, uns dias depois, ele estava estudando história para sua prova e disse que pretende morar no Canadá, porque é o melhor país para se viver. E considera que apesar de gostar daqui de São Luís, reconhece que esta cidade

não tem uma estrutura boa nem investimentos de empresas para a profissão pretende seguir que é a carreira de jogador de basquete. Ainda está a refletir se quer tentar o vestibular para medicina ou tentar carreira de jogador de basquete, porque considera sua altura um fator que lhe favorece, além de ser um esporte que gosta. Ele também joga vôlei e futebol, mas gosta mais de futebol e basquete e disse que tem pensado nessa carreira mais depois que passou a ter contato com esse esporte na escola da capital maranhense, porque quando estudava em Belo Horizonte, apenas praticava futebol, tanto na rua quanto na escola.

Sobre o tipo de leitura que estava fazendo na época da entrevista, pronunciou que estava lendo um livro sobre a África, que segundo ele, é um país cheio de riquezas, principalmente naturais e que está precisando muito de ajuda, mas que pouco se fala, pois, a mídia prefere mostrar mais a Europa e a América do Norte.

Quando questionado sobre o que ele considera um fator que o prejudica durante as aulas escolares, afirmou que é o ato de conversar, que apesar de ter diminuído mais, ainda é um fator determinante para que ele se desfoque bastante. E ressaltou que apesar de conversar, ele busca tirar todas as dúvidas durante as aulas (seja no reforço ou na escola), para que quando ele chegue em casa, possa apenas descansar e se preparar para o dia seguinte. Porém, ressaltou que quando há trabalhos ou atividades para o dia seguinte, além de levar ao reforço, ele se dedica a estudar em casa, pois não gosta de deixar acumular atividades. Como meios de lazer, gosta de praticar algum esporte ou apenas descansar. Referente às dificuldades escolares, o que mais sente que metodologicamente o prejudica é o livro escolar, porque considera esse material bastante resumido, já que é uma apostila.

A escola lá tem o ensino bom, mas quando quero dar uma aprofundada nos estudos acabo tendo que recorrer a muitos outros livros, assim como a internet, além de indagar bastante ao professor sobre o conteúdo, porque o livro não apresenta. (Mário Marques, 2018).

E citou exemplo de que uma de suas apostilas tem em média trezentas páginas e envolve várias matérias, como: português, matemática, história, geografia, arte, ciências e inglês. E as únicas apostilas que são separadas são: Filosofia, Espanhol e Ética.

Após o Mário, seu irmão, o Pedro Marques, de 9 anos foi entrevistado; chegou à cidade de São Luís com 5 para 6 anos e nesse tempo, já estudou na escola Luluzinha, no terceiro, porém atualmente estuda na escola São Marcos.

Sua matéria preferida é a língua inglesa, mas considera que sabe bem pouco e ainda tem dificuldade em escrever em inglês. Ele não se considera muito hábil para falar na língua inglesa.

Os pais do menino Pedro se separaram e há pouco tempo sua avó veio de Belo Horizonte morar com a filha e seus netos, então, atualmente moram: os irmãos Pedro e Mário, a mãe e avó destes.

Assim como o irmão, ele gosta de praticar os esportes futebol e basquete. Sabe ler desde os 5 anos e já leu: todos os livros da coleção: “Os diários de um banana”, tal como o Fernando Oliveira⁴⁰, além destes, gosta muito de gibis, então já leu “A turma da Mônica”, entre outros.

Diferente de quase todos os entrevistados, ele não gosta muito de assistir à televisão e nem acessar à *internet*, pois prefere jogar futebol com os amigos do *Grand Park*, na quadra do condomínio.

O mais difícil nessas entrevistas no Instituto Possibilitar foi conversar com o aluno Enzo Rocha⁴¹, porque ele é imperativo, gosta muito de jogos virtuais e adora acessar à *internet*, tanto que seu meio de socialização preferido é ir a alguma loja de *video-games*. Então, no instante em que eu conversei com ele, eu tentei instigá-lo a uma conversa, perguntando da forma mais dinâmica que pude, mas ele era monótono e básico em suas respostas, no estilo bate-volta.

Ele tem 10 anos e é filho único. Seu pai é designer e sua mãe é secretária da Escola Crescimento. Mora próximo às localidades do Instituto Possibilitar, no Condomínio “Água branca II”, Parque *Shalon* e há dois anos, estuda no Batista do Renascença, porém antes estudava na Escola Monte Carmela. E considera que mudar de escola fez aumentar mais suas dificuldades, porque na antiga escola ele já estava acostumado com todo o ambiente. Também falou que não gosta de língua estrangeira. E que na atual escola, não tem a disciplina de Espanhol e não sabe se gosta, porque ainda não começou a estudar esta, somente a língua inglesa. Sente muita dificuldade nos estudos de português, principalmente nos estudos de paroxítona.

Na Escola, ele pratica o esporte Futsal, o qual disse que gosta muito. Então, até quando perguntei se ele considerava algo em seus estudos, ele disse que precisava melhorar o seu desempenho nas aulas de futsal, porque pretende ser jogador de futebol.

⁴⁰ nome fictício do primeiro entrevistado, aluno do reforço escolar – Instituto Possibilitar.

⁴¹ nome fictício.

De acordo com um dos seus professores do Instituto, ele é imperativo, mas que isso não o faz ser considerado um aluno “ruim”. Ao contrário, ele é considerado por esse professor, um aluno muito inteligente, observador e curioso.

Tal como eu havia explicado no início deste tópico, agora trago como modo de comparação, algumas informações sobre um aluno do Instituto Possibilitar, que diferente de todos os casos anteriormente citados, nasceu dentro de uma posição considerada de privilégios. Daren⁴² é Filho de Nigerianos, que se conheceram no Brasil. Seu pai era médico e envolvido com causas sociais e havia projetado abrir um hospital, na cidade do Pará, porém ele teve um Infarto Fulminante e veio a falecer. Com esse acontecimento, tudo na vida de sua família mudou, pois eles não recebem pensão. Hoje em dia, eles mudaram de bairro (estão morando no Barramar), ele passou a frequentar a escola pública (U.E.B. Menino Jesus de Praga) e sua mãe, que largou a faculdade aqui no Brasil, para casar, hoje em dia trabalha vendendo água no bairro mesmo onde residem. Ele tem seis irmãos, quatro por parte de pai e dois por parte de mãe. E o que mais chama a atenção é que mesmo tão jovem já tenha perdido o pai, que via como referência (como ele relatou), ele é considerado um aluno muito esforçado, de raciocínio e aprendizagem rápidos (principalmente se comparado a grande maioria dos casos narrados neste capítulo) – tanto que quando questionado se ele sentia dificuldades na escola, disse que tinha muito mais dificuldade em se socializar do que nas disciplinas, mas ao falar em disciplinas, disse que sente mais dificuldade em Português e História e disse também que não gosta de matemática, mas que consegue passar tranquilamente nessa disciplina.

Algumas semanas depois, ao regressar ao Instituto para substituir um dos professores foi possível observar um pouco mais sobre a maioria desses alunos.

Para analisar essas entrevistas à vista de um olhar da sociologia da educação - que não deixa de ser psicológico também, como explica Émile Durkheim, na Segunda Parte (*A disciplina e a Psicologia da criança*) de sua obra: *A educação moral*, onde esclarece percepções sobre “o espírito de disciplina”, que é um de seus métodos a serem seguidos e cujo destino deve ser o melhor caminho ou a melhor forma de se conduzir a criança. “Mas, a maneira com que ela deve ser conduzida e o caminho que devemos fazê-la percorrer dependem necessariamente daquilo que ela é no ponto de partida.” (DURKHEIM, 2008, p.133), haja vista que a criança não é uma tábula rasa, portanto,

⁴² Nome fictício.

que a educação desta não se faz numa situação de “não aprendido”, porque tudo é um aprendido (mesmo que não seja um aprendido *necessariamente* proposto pela escola).

É importante considerar também que tal como o Durkheim já explicava na transição do século XIX para o século XX que:

A criança possui uma natureza própria e, dado que é sobre essa natureza que devemos agir, é preciso fazer de tudo para tentar conhece-la. Devemos nos perguntar, em primeiro lugar, em que medida e de que modo a criança pode receber esse resultado de espírito que pretendemos suscitar nela; quais são, dentre todas as suas aptidões naturais, aquelas sobre as quais poderemos nos apoiar para obter o resultado desejado? Chegou o momento de conhecer a própria psicologia da criança, que nesse momento é a única coisa que pode nos fornecer as informações necessárias. (DURKHEIM, 2008, p.133).

Outrossim, é preciso conhecer a criança antes de apenas julgá-la como: um ser de “baixo rendimento escolar” ou “que não sabe nada”; é preciso entender sua realidade, seu contexto social e suas dificuldades.

Durkheim então prossegue explicando sobre o dever; que é um dos valores adquiridos pelos indivíduos para que seja possível se chegar a um estado de regularidade do social e se faça gerar hábitos que se tornem rotineiros aos seres humanos, pois é isso que vai fazer chegar a uma *ordem moral e normal* das coisas.

Afinal, a vida coletiva não poderia funcionar harmoniosamente se os indivíduos encarregados de determinada função social, seja ela doméstica, cívica ou profissional, não cumprissem suas tarefas no momento necessário e de acordo com a maneira prescrita. Ora, o que caracteriza a atividade infantil é precisamente o contrário disso, ou seja, é uma absoluta irregularidade. A criança transita de uma impressão a outra, de um sentimento a outro, com a mais absoluta rapidez. Seu humor é completamente instável; a cólera surge e vai-se embora instantaneamente, as lágrimas sucedem às risadas, a simpatia sucede à ira, ou vice-versa sem que haja qualquer causa objetiva para isso ou, quando muito, as variações se dão em virtude da mais amena circunstância. A brincadeira que a ocupa num dado momento não a retém por muito tempo; ela logo a abandona para brincar de outra coisa. Essa mesma mobilidade pode ser observada em relação à curiosidade com que a criança indaga a seus pais e seus professores. (DURKHEIM, 2008, p.134).

Durkheim faz toda uma análise comparativa entre o mundo adulto e de responsabilidades conscientes ao mundo e consciência infantis. Enquanto o mundo adulto tenta manter uma regularidade, cumprir seus afazeres sociais como: trabalhar, estudar, manter o movimento do organismo vivo chamado sociedade, as crianças não se preocupam em *obedecer* a uma rotina, logo porque elas são muito instáveis, ora querem

fazer algo, ora não querem; elas mudam de humor sem qualquer esforço ou percepção disso.

Na Décima primeira lição da obra: “A educação Moral” (2008), referente à penalidade escolar, Durkheim vem a nos ensinar como é possível educar uma criança, ensiná-la a ser respeitosa, habituando-a a agir conforme as regras sem precisar puni-la diretamente, pois para ele, para se ensinar respeito, não se precisa utilizar da autoridade moral.

É preciso que ela sinta o que a regra tem de respeitável, o que equivale a dizer que ela sinta a autoridade moral presente nela. Ora, dado que é através do mestre que a criança aprende a conhecê-la, dado que é o professor que a revela, ela não pode possuir outra autoridade se não aquela que o professor comunica (DURKHEIM, 2008, p.158).

Durkheim (2008) ressalta que falar em autoridade do professor não significa dizer que a este é dado o poder de comandar a sala de aula à maneira de um exército, pois isso é totalmente o oposto do espírito e da ideia da disciplina.

Alguns exemplos do que Durkheim explica, trazendo à realidade observada na pesquisa de campo, no *Reforço Escolar Possibilitar*, foram os casos de alguns alunos muito dispersos. Um era o Pedro Marques⁴³, que na última visita a esse reforço, se mostrou um aluno um tanto que agitado. Nesse dia ele chegou dizendo que tinha somente uma atividade de inglês, que na verdade servia de revisão para a prova do dia seguinte. Foi pedido que ele antes uma leitura dessa atividade e o mesmo, desinquieto, começou a incomodar o seu próprio irmão, não o deixando se concentrar e ainda ficando irritado quando a psicopedagoga ouviu e falou que iria avisar sua mãe sobre o mau comportamento.

Outro exemplo de aluno disperso percebido na pesquisa foi o Enzo Rocha⁴⁴, que tanto durante a entrevista quanto durante as explicações da aula que eu estava lecionando a ele, se mostrou enfadado e cheio de outras coisas a fazer, tais como: ficar apertando os botões da calculadora que estava próxima, ficar cantarolando, rabiscando a atividade⁴⁵ e seguiu dizendo que o professor da escola já a tinha respondido, porém quando verificadas as respostas estavam quase todas, incorretas⁴⁶. Já quando o professor

⁴³ Nome fictício.

⁴⁴ Nome fictício.

⁴⁵ isso porque, como Durkheim diz: “a brincadeira que a ocupa num dado momento não a retém por muito tempo” (2008, p.134) e é preciso procurar outra coisa a fazer.

⁴⁶ Quando falei isso para a psicopedagoga do Instituto, ela disse que: “isso é sinal que alguns professores dessas escolas não verificam as atividades ou se verificam, não mostram aos alunos e não tentam corrigir com os mesmos, considerando, que são muitos alunos e algumas dessas escolas têm apenas um tutor por

do Instituto Possibilitar foi questionado sobre esse aluno, disse que esse é um dos mais inteligentes, e ressaltou a possibilidade do cansaço, após a escola.

Paralelo a essa análise Durkheimiana, a última frase da citação na página 57⁴⁷ remete-se a um dos alunos do “Instituto Possibilitar” que em meio à aula de revisão de História sobre o Iluminismo, fez uma pergunta totalmente oposta: sobre o uso dos termos “onde” e “aonde”, explicados pelas regras gramaticais da língua portuguesa.

Esses fatores nos fazem pensar que é da natureza do mundo infanto-juvenil comportamentos que uma hora ou outra podem corroborar para uma queda no desempenho escolar, pois em determinados momentos, é normal que o discente comece a questionar-se outras coisas e essa pergunta pode levar automaticamente à outra e assim sucessivamente, desfocando-se, e que ao se somar com toda a situação de dificuldades dessas crianças ou desses jovens, pode-se levar ao baixo desempenho ou o chamado fracasso escolar.

Durkheim nos propõe a refletir que os professores deveriam abstrair essas curiosidades, transformando-as em análises dentro do contexto de suas aulas, pois não é porque determinada pergunta foi posta inesperadamente, que deve ser descartada, como se não fosse essencial às aulas.

Outro aspecto a ser observado a partir do olhar sociológico de Durkheim é que:

A criança não percebe em absoluto que é preciso impor limites a seus próprios desejos; quando ela gosta de alguma coisa, ela a quer até se sentir saciada. Ela não consegue conter-se facilmente, tampouco aceita que alguém a contenha. Ela não se deixa frear sequer pela necessidade das leis naturais. Ela não percebe a existência dessas leis. Ela não sabe distinguir o possível do impossível, não sabe que a própria realidade impõe limites intransponíveis ao desejo. (DURKHEIM, 2008, p.136).

Como esse sociólogo nos explica nesta obra, antes de tudo, é necessário entender os aspectos de socialização das crianças. Entendê-las como um ser em constante mudança e processos de aprendizado e que para entender certas normas de comportamento, é preciso entender, acima de tudo, que ela não é um ser aniquilado de conhecimentos só porque não atinge a uma média escolar, da mesma forma que ela não deve ser moldada a um *status* de melhor do que outrem, só porque se mantém na média ou ultrapassa esta, porque isso pode criar situações psicológicas que dificultem a cada vez mais o processo educativo desses seres.

turma. Não é à toa que algumas dessas escolas privadas ganham fama de ‘mamãe ou papai pagou, filho(a) passou’” (psicopedagoga do Instituto Possibilitar).

⁴⁷ “Essa mesma mobilidade pode ser observada em relação à curiosidade com que a criança indaga a seus pais e seus professores. (DURKHEIM, 2008, p.134)”.

Como foi perceptível no decorrer da pesquisa e como afirma Nogueira (2011):

Essas crianças brincam muito fora de casa, interagindo sempre com crianças de faixas etárias diferentes da sua e com adultos e crianças da família estendida. A relação com essa última é sempre considerada importante e confiável. Por fim, essas crianças não aprendem a se ver como “pessoas de direitos”, capazes de argumentar e defender seus pontos de vista. (NOGUEIRA, 2011, p.32).

Buscando conexão com essas observações, poderemos perceber que a forma de diversão e socialização de uma parte dessas crianças e os adolescentes, aqui entrevistados afirmou gostar de brincar com as crianças do mesmo bairro ou mesmo conjunto habitacional, principalmente os meninos que fazem reforço escolar no Instituto Possibilitar. Por sua vez os jovens da Escola São José, geralmente têm um seio mais amplo de amizades, tanto com pessoas do próprio bairro onde moram - que pelo que foi observado durante as 5 pessoas entrevistadas, cada um(a) mora em um bairro diferente (Vila Embratel, Liberdade, Araçagi, Sacavém e Centro), quanto a algumas outras pessoas que estudam nessa escola (ESJ).

A última entrevista aqui trazida à análise aconteceu na tarde do dia 21 de novembro de 2017, quando regressei à casa da jovem Renata Sousa⁴⁸ (agora como observadora e pesquisadora) com sua professora de reforço escolar da disciplina de matemática. A entrevistada é aluna da Escola São Marcos.

A entrevista aconteceu na própria casa da aluna, onde mora com sua irmã e as mesmas ficam sob a responsabilidade da tia (irmã da mãe) devido ao fato de que sua mãe mora na cidade de Bacabal⁴⁹, de onde a entrevistada é nativa. A entrevistada e sua irmã, no ano de 2012, vieram a continuar seus estudos na cidade ludovicense.

De certa forma, eu já conhecia a entrevistada, o que acredito ter me dado um pouco mais de abertura e tenha ajudado a entrevistada a se sentir mais à vontade durante aquele momento de sondagem. Eu já tinha informações de que ela cursava o 9º ano e que havia mudado recentemente da escola Upaon-açu à Escola São Marcos, tal como sua irmã⁵⁰.

Logo de início, a proposta daquela conversa foi explanada, que era pesquisar sobre o ensino escolar o qual ela estava recebendo, *como ela se sentia nessa atual*

⁴⁸ Nome fictício.

⁴⁹ Onde administra empresas da família com a ajuda de irmãos, devido ao fato do pai das jovens ter falecido e deixado empresas como herança familiar.

⁵⁰ Ao decorrer da entrevista, ela afirmou que sua mãe decidiu mudá-la de escola três meses antes desta entrevista, ou seja, pouco tempo depois do segundo semestre de ano letivo, para evitar uma possível reprovação, pois esta não estava conseguindo acompanhar o ritmo da escola Upaon-açu.

escola, porque mudou de escola, portanto, que era uma pesquisa sobre o contexto escolar o qual ela estava inserida, *suas dificuldades e/ou prazeres* na forma de aprender. A entrevistada parecia um pouco tímida no início, mas aos poucos foi tornando a conversa mais espontânea.

Ao ser indagada sobre que tipos de leitura gosta de fazer, ela enfatizou: Gibis e mangás, mas que literatura juvenil também a interessava. Sobre o interesse ou a preferência de língua estrangeira, ela disse que já tentou aprender a língua inglesa a qual acha linda, inclusive já tentou ler a saga *Harry Potter* na língua oficial, mas que desistiu porque ainda sente muita dificuldade, ainda mais se comparada à língua espanhola, a qual considera mais fácil de aprender. Porém uma língua a qual ela demonstrou total interesse foi a língua japonesa, devido ao seu interesse por mangás, animes e músicas de bandas *teen* japonesas. Falou também do seu interesse pela cultura japonesa e sua vontade em morar no Japão. Afirmou também que gosta e utiliza muito da internet. E enfatizou que gosta de assistir a essas séries e a esses filmes na língua original. Gosta de jogar tênis e de cavalgar na fazenda de sua família em Bacabal e que tem um cavalo. Aqui em São Luís mora em apartamento alugado; seus avós tanto maternos quanto paternos, apesar de não possuírem curso superior, eram empresários e passaram a empresa para seus descendentes.

A carreira escolar dela sempre foi em escola privada. Em Bacabal, estudava na Escola Adventista até vim a morar na capital maranhense, ou seja, até a quarta série/ quinto ano; no ano seguinte ela iniciou os estudos na Escola Upaon-açu onde permaneceu até o meio do ano de 2017, quando suas responsáveis resolveram transferi-la à Escola São Marcos. Antes de ter especificamente professora(s) particular (es)⁵¹, ela estudava em um reforço escolar (Instituto Semente) pelo turno da tarde, após chegar da escola. Perguntei sobre quantos anos ela aprendeu a ler e ela disse que ainda tinha muitas dificuldades em leitura até a quinta série e que deu uma melhorada quando começou esse antigo reforço escolar, assim que chegou à São Luís. Porém, ainda sente dificuldades, porque se sofrer algum tipo de pressão, ela fica até gaga durante a leitura e devido a isso, tem uma fonoaudióloga que a ajuda, pois isso a deixa muito tímida, principalmente se for ler em público.

Quando perguntada sobre que tipos de matérias gosta, ela falou que gosta muito de História, só que não consegue tirar notas boas, mas no decorrer da conversa ela

⁵¹ Nessa época da entrevista, ela tinha duas professoras – uma somente para lecionar matemática e outra para as demais disciplinas.

começou a falar sobre fatos históricos atuais, incluindo até mesmo a política e começou a falar da situação da Coreia do Norte e seu presidente, assim como da situação política dos Estados Unidos. Ela gosta também de geografia (tanto que ela me falou de uma habilidade: ela se localiza fácil. Tem memória geográfica) e arte (tanto do contexto histórico quanto da parte de desenhos – inclusive me mostrou alguns de seus desenhos, que eram personagens de mangás japoneses), além de ciências naturais. Enfim, ela sente mais dificuldades em Matemática, Filosofia e em Língua portuguesa (matéria, que segundo ela, detesta). Perguntei como eram os estudos de reforço particular, ela disse que tinha duas professoras para ensiná-la em casa: uma de matemática e uma professora de língua portuguesa, mas que além desta disciplina também a ajudava com as demais disciplinas.

Sobre a Escola São Marcos, afirmou que têm pontos positivos e negativos, porém mais negativos que positivos. Classificou o local como desorganizado e os jovens como mais bagunceiros ou como ela preferiu nomear: “anormais”. Nesse caso ela mostrou preferência pela escola anterior (Upaon-Açu).

Quanto à escolaridade dos pais, afirmou que estes chegaram a concluir o ensino médio, porém não chegaram à faculdade. E afirmou que sua mãe cuida dos negócios da família, que são: uma franquía de loja de pneus (comércio), casas de aluguel e uma fazenda, em Bacabal. Sobre as localidades onde a entrevistada já residiu desde que chegou à Ilha, ela citou: Brisas *Life*, no bairro do Calhau, onde morou por três anos, juntamente com a tia e há pouco mais de um ano mora somente com a irmã em outro apartamento, ainda no mesmo bairro.

Ela prefere seguir a carreira de Medicina Veterinária ou Arquitetura. Mas, que acha que pode acabar seguindo mais para o ramo da arquitetura do que da veterinária, porque ela tem dificuldades em ciências naturais, apesar de gostar.

Não obtive a chance de entrevistar a irmã dela, pois nesse dia ela havia ido fazer a prova do vestibular da UNDB, porém ela falou algumas coisas a seu respeito: 17 anos (na época – novembro de 2017), ela também tem muita dificuldade em ciências exatas, tem vontade de cursar medicina, porém atualmente ela está cursando Direito na UNDB. Sua irmã gosta de assistir a séries estrangeiras legendadas quando está em casa e seu tipo de literatura é voltada mais ao público juvenil, como romances estrangeiros e brasileiros, ela também estudava no Instituto Semente, tinha muita dificuldade em estudos de ciências exatas, principalmente Matemática, Física e Química.

Seis meses após esta entrevista⁵², ao reencontrar a aluna Renata Sousa⁵³, a mesma me afirmou que mais uma vez mudou de reforço escolar. Ela não mais retornou ao Instituto de Reforço Escolar, tampouco tem mais professores particulares em sua residência, pois atualmente a mesma está em um curso de reforço chamado “Top”, localizado no Renascença. E quando perguntada se suas notas melhoraram e sobre as disciplinas que a ensinam, ela disse que na escola seu desempenho continua na média tendo ajuda principalmente nas disciplinas de: Ciências Exatas e Língua portuguesa; já nos estudos de Ciências Humanas, ela continua se virando sozinha, em casa. E quando perguntada sobre a sua irmã (que mais uma vez não se encontrava em casa), disse que toda vez que pergunta a ela como está a vida acadêmica a mesma afirma que está conseguindo se virar bem.

Em suma, ao analisar o discurso dessa entrevistada, percebe-se que ela tem muita dificuldade em aprender principalmente as normas e análises da língua portuguesa e paralelo a isso, a própria denomina essa disciplina como a *pior*. Isso pode ser um fator relevante se formos analisar sua herança familiar⁵⁴, mas que faz apreço em investir na melhor forma possível de sua educação escolar ou no que Bourdieu nomeia como: “um investimento em capital cultural” buscada através do capital financeiro, mas que eles próprios talvez não tenham tido a chance de ter acesso a uma educação desse tipo, devido ao fato de se continuar a perpetuar a manutenção dos bens e capitais da família, através das empresas, mas ao que parece se depender da entrevistada e de sua irmã, elas pretendem seguir outras carreiras.

Como foi possível perceber durante as entrevistas e usando de percepções sociológicas de Carvalho Filho (2016):

Uma sociologia da distribuição espacial e social dos estabelecimentos de ensino atenta aos processos sociais de segregação escolar necessita desvelar os jogos e disputas que estão por trás das razões das escolhas das experiências escolares das famílias. (CARVALHO FILHO, 2016,377).

É preciso entender o que há por trás das escolhas dos pais, pois há fatores diversos que podem ser critérios seletivos às suas escolhas, tais como: localização, locomoção, facilidades de acesso, além dos valores financeiros e esses fatores não necessariamente se enquadram nas percepções de escolhas dos filhos.

⁵² Que foi realizada no dia 21 de novembro de 2017.

⁵³ Nome fictício.

⁵⁴ Uma família criada no continente maranhense, em uma cidade pequena como Bacabal e cujo pai adquirira meios empresários e a empresa dos pais desde muito jovem e, portanto, não se viu na obrigação de terminar os estudos.

CAPÍTULO 3

AS ESTRATÉGIAS DE ESCOLHA: AS ESCOLAS PRIVADAS ESCOLHIDAS PELOS PAIS DESSES JOVENS

Para melhor nortear essa análise, este capítulo se subdivide em três sessões: “As estratégias de escolha dos pais: sob o olhar dos filhos”, “Os percalços da educação na Escola São José: sob o olhar da psicopedagoga da Escola São José (ESJ); O reforço escolar à vista da psicopedagoga do Instituto Possibilitar (IP).

A princípio, a pesquisa almejava até o seu “final momentâneo”⁵⁵ chegar à compreensão das estratégias de escolha dessas escolas de ensino pelos pais desses jovens e, para isso, a ideia era de que se conversasse tanto com os/as estudantes (cáp. 2) quanto com os seus pais ou responsáveis, porém, devido às adversidades da pesquisa não foi possível conseguir entrevistas com os pais desses alunos (haja vista que os pais trabalham cotidianamente, alguns trabalham viajando, outros moram em outra cidade, entre outros fatores).

Então, para “atenuar” essas ausências, venho neste capítulo, trazer relatos das crianças e dos jovens, um pai de aluno (o qual faz parte do corpo docente da Escola São José), além das psicopedagogas e de alguns professores dos estabelecimentos de ensino que serviram de campo durante esta pesquisa monográfica.

Desse modo, a análise sobre o rendimento escolar dessas crianças e/ ou jovens foi feita a partir de entrevistas com as psicopedagogas que avaliam constantemente esses estudantes (em cada respectivo ambiente escolar). Elas avaliam todas as potencialidades cognitivas dos discentes, suas dificuldades e tentam investigar (através de conversas com os pais – que quando necessário, são chamados a reuniões; além de conversas com os próprios alunos) as inquietações que podem ser motivos para a falta de compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

Ao instante em que se descrevem e analisam os discursos dos jovens, também foram observados os discursos das psicopedagogas de cada estabelecimento, que se preocupam em investigar porque determinados alunos se mantêm no quadro de “fracasso escolar”.

⁵⁵ Prefiro chamar assim, levando em consideração o tempo da pesquisa, porém é importante ressaltar que esta deve ser uma análise constante da nossa realidade, a qual ainda pretendo continuar a investigar.

Felizmente, foi possível entrevistar ao menos um pai de aluno (do aluno que foi apresentado como Ricardo Mendes neste trabalho) quando a investigação na Escola São José foi feita, pois ele é professor de física dessa escola. Quando foi solicitado que ele falasse um pouco sobre o seu investimento na educação do filho Ricardo Mendes. Ele disse:

Por mais que eu tente investir na educação dele, ele não quer estudar. Não aparenta interesse em aprender, pois se ele se interessasse em estudar, iria me chamar pelo menos para sanar suas dúvidas nas áreas das ciências exatas.” (Professor da Escola São José e pai do estudante Ricardo Mendes, 2018).

E afirmou também que ao mesmo tempo em que pode estar sendo injusto com o julgando-o como um garoto apenas desinteressado, disse que dá aula em muitas escolas e infelizmente não tem tempo para observar o desempenho de seu filho, além de relatar que sua esposa, mãe do Ricardo é quem fica responsável por cuidar da casa e da observação acerca dos três filhos.

3.1 As estratégias de escolha dos pais: sob o olhar dos filhos

Levando em consideração que não foi possível realizar a entrevista com a grande maioria dos pais ou responsáveis dos alunos, este tópico se norteia a partir de análises fosse feita sob o olhar dos próprios filhos. Desta maneira, no questionário da pesquisa precisou ser inserida mais uma pergunta: “Por que você considera que seus pais ou mudaram você de escola”.

E quando essa pergunta foi feita à primeira entrevistada da pesquisa⁵⁶, essa falou que suas responsáveis (a tia e a mãe) decidiram mudá-la de escola, principalmente por causa das notas baixas nos estudos de Português, matéria a qual se sentia mais prejudicada e que nesses três meses de uma escola à outra, percebeu alguma melhora no seu rendimento escolar.

Ao fazer um comparativo entre a escola anterior e a atual, a Renata Sousa disse que considerava a escola Upaon-açu bem mais organizada, porém percebe que na escola São Marcos tem considerado os métodos de estudos bem mais fáceis e tem se desenvolvido melhor. Quando perguntada se pretendia continuar nessa escola, ela afirmou que almejava estudar no IFMA (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologias) e que estava se preparando para isso.

⁵⁶ Cujo nome fictício é Renata Sousa.

Desde este primeiro caso, percebe-se como a cada vez mais os pais ou responsáveis por essas crianças têm refletido sobre a utilização das melhores estratégias escolares para que seus filhos estejam “prevenidos” de uma reprovação escolar. E, por grande parte das situações, não basta investir somente em um “reforço” escolar, mas também em uma nova escola.

Trazendo agora a discussão para os casos da Escola São José, o primeiro relato foi o de Ricardo Mendes e ao responder sobre: “por que acredita que seus pais resolveram inseri-lo nessa escola?”, ele disse:

Eu acredito que aqui fica mais fácil do meu pai me trazer e de vim me buscar, somado também ao fato de que na Escola Ariane Maria só tinha até a oitava série. Então como eu mudei *pra* cá desde criança; foi uma escolha só, porque aqui tanto terminei o ensino fundamental, quanto fiquei logo *pro* ensino médio e sem falar que as outras escolas onde ele ensina são muito mais caras e o nível de ensino mais rígido e difícil - não que aqui não seja. (Ricardo Mendes, 2018).

E por que São José e não Dom Bosco, Crescimento, etc? E ele:

parece que cada funcionário tem o direito de pôr pelo menos um dos filhos na escola particular onde trabalha, mas parece que essas grandes escolas têm muitas normas, e então: ou se encaixa nas normas ou precisa ter *money*. (Ricardo Mendes, 2018).

É perceptível nas falas do Ricardo que este reconhece o seu nível de dificuldades, embora pareça que seus pais considerem que ele só precisa se esforçar mais.

O José Silva, ao ser questionado sobre *o que acredita que pode ter influenciado na escolha da mãe dele de inseri-lo nessa escola* (ESJ) e ele disse:

Ah, acho que porque é perto de casa, então fica fácil tanto para minha mãe me trazer e buscar quanto para que eu possa vim e voltar de ônibus. Além de ser uma escola mais barata se comparada com muitas outras que também são particulares. (José Silva, 2018).

Com base no que observei ao entrevistar esse jovem, os fatores: renda, localização podem ter sido muito eficientes no que concerne à escolha desse estabelecimento de ensino.

No caso da estudante Raissa Moura⁵⁷, esta informou que mudou de escolas demasiadas vezes, principalmente devido à localização e mobilidade e se comparada aos primeiros casos, o fato mudança escolar ainda não a prejudicou intensamente nos estudos.

⁵⁷ Nome fictício.

Trazendo ao caso da aluna Amanda Figueira⁵⁸, uma última pergunta foi: “por que você considera que seus pais resolveram te inserir nessa escola?”, ela disse que que a escola São Vicente de Paulo estava ficando muito cara e seus pais resolveram diminuir os gastos.

No caso da estudante Laura Rodrigues⁵⁹, ela relatou que já estudou em muitas escolas, dependendo de onde estava morando. Morou na Cidade Operária - estudou na escola Launé, morou no Planalto Pingão – estudava na Escola Raio de Sol, morou no João Paulo – estudou no Batista, onde ficou até a 5 série. Atualmente sua família está morando na Rua do Passeio, no Centro.

Laura Rodrigues relatou que não gosta da escola atual (ESJ), pois preferia a escola anterior (Batista Daniel de La Touche): “Tipo assim, é por que eu sinto que vim forçada *pra cá* e deixei meus colegas tudo lá”.

Saí de lá porque papai não tinha mais condições de pagar o Batista e ele não gostava do ensino de lá. Aí eu reprovei também no Batista, mas acho que não foi por isso que ele me tirou de lá. Eu acho, né? (Laura Rodrigues, 2018).

De lá para cá o pai resolveu mudá-la de escola mais uma vez, não por questões de distância - tendo em vista que o pai dela tem carro e moto e quase sempre a leva à escola. Seu pai resolveu colocá-la no São José porque considerou as propostas de ensino da ESJ melhores do que as do Batista e porque no Batista as notas dela começaram a baixar por causa da socialização demasiada com os amigos.

Na escola Batista eu costumava ficar de recuperação em pelo menos 7 disciplinas, mas que agora no máximo eu fica de recuperação em umas 5, 4, 3, tem vez que *só fico em duas disciplinas*. (Laura Rodrigues, 2018).

E ela inclusive considera que mudar para a escola São José, em tese, fez melhorar seu rendimento porque não tem amizades como as da escola anterior para conversar tanto durante as aulas.

Sobre as escolas onde já estudou, e ela disse que:

Com relação ao ensino, tanto uma quanto a outra são boas (Batista Daniel de La Touche e Escola São José). Aqui tem muitos projetos, e o campo de professores também está muito bom. Fizeram boas escolhas de professores, mas antes disso eu sentia que *tava* faltando alguma coisa na escola e este ano

⁵⁸ nome fictício da entrevistada que estudava no Colégio São Vicente de Paulo e desde o ano de 2017 está estudando na Escola São José.

⁵⁹ Nome fictício.

eles fecharam a organização dos assuntos e também eles estão passando mais dinâmicas *pra gente fazer*, tipo feiras. (Laura Rodrigues, 2018).

Quanto aos alunos do Instituto Possibilitar, os maiores motivos de mudança escolar se remetem por processos de socialização e readaptação, tanto por mudanças de cidade - como nos casos dos alunos: Daren, Mário e Pedro Marques quanto na mudança de escola devido à localização, como no caso do Enzo Rocha⁶⁰.

3.2 Os percalços da educação na Escola São José (ESJ): sob o olhar da psicopedagoga

A entrevista com a psicopedagoga da Escola São José (ESJ)⁶¹ aconteceu no dia 11 de abril de 2018, no turno da tarde, antes das entrevistas com alunos desta mesma escola e se sucedeu no mesmo campo que o dos jovens, ou seja, em uma sala à parte. Ela foi muito solícita desde que fomos apresentadas. Se dispôs a me ajudar no que fosse possível e tivesse ao seu alcance, compreendeu o intuito e a lógica da pesquisa e assim contribuiu com o máximo de informações possíveis referentes aos alunos e às alunas com baixo rendimento escolar.

Através desta entrevista foi possível ter uma análise geral sobre os alunos e as alunas que possuem algum tipo de dificuldade ou “limitação”, não somente cognitiva, mas advindas de outros fatores, sejam eles: patologias ou falta de estímulo em casa, falta de concentração, problemas familiares, etc.

Para dar início à entrevista, ela foi convidada a relatar sobre os alunos com os quais trabalha diretamente, ou seja, os denominados “alunos com baixo desempenho escolar” ou com “dificuldades de aprendizagem”. E ela iniciou respondendo que:

As dificuldades de aprendizagem, de forma geral, são muito abrangentes, pois se formos desenrolar sobre elas, são várias: em português, matemática, História, Geografia e por aí vai. Agora as dificuldades em aprendizagem de forma detalhada e que envolvem não somente as notas baixas, mas também: a falta de atenção, de estímulo, a questão da baixa estima, a questão do aluno vim à escola somente por vir ou tirar uma sequência de notas baixas mesmo tendo uma sequência de estimulação em casa, aí a gente (enquanto escola) começa a ter um olhar diferenciado sobre esses alunos. E têm vários alunos com baixo rendimento escolar, não somente na Escola São José, mas em várias outras Instituições. (Psicopedagoga da Escola São José, 2018).

⁶⁰ O Enzo Rocha estudava na escola Monte Carmela, que fica localizada no bairro da Cohama, ele e sua família moram no bairro Parque *Shalon* e sua mãe trabalha na escola Crescimento do bairro Calhau e é ela é quem o leva à escola antes de ir ao trabalho.

⁶¹ Durante a conversa ela citou muito sua companheira de trabalho, a terapeuta ocupacional da ESJ – a qual não se encontrava na escola nesse dia. Porém, devido ao tema de discussão deste trabalho, acredito que somente com as informações passadas pela psicopedagoga foi possível enxergar o objeto de trabalho almejado.

É perceptível já no início da entrevista que a psicopedagoga busca conscientemente conhecer os casos particulares de cada aluno ou cada aluna, valorizando suas particularidades e limitações e entendendo que cada indivíduo carece de um tipo de atenção e ajuda.

Logo em seguida, quando questionada se daria para contar ou estipular uma média de quantos alunos inseridos num quadro de baixas notas e ela respondeu:

Em média numa sala de 20 a 30 alunos, geralmente se têm 6 alunos com algum tipo de dificuldade de aprendizagem associada a uma questão patológica e esse número cresce quando vem a questão familiar. Por exemplo: crianças do segundo ano do ensino fundamental menor são cobradas nos processos da leitura e da escrita, então o número de crianças nessa fase salta devido ao tempo de vivência dois pais, deles não acompanharem a situação escolar dos filhos em casa por falta de tempo deles, então estes deixam seus filhos na escola e também jogam essa responsabilidade *para o reforço escolar e para a escola* [entonadamente falando] e cria-se essa lenda de que o reforço escolar vai resolver essa situação e ele não resolve, já que na verdade ele tem o papel mínimo de amenizar a situação, dependendo de como essa criança vai ao reforço escolar. Até porque se essa criança for jogada *pro* reforço sem noção nenhuma e sem acompanhamento em casa, ela vai permanecer nesse quadro e geralmente é o que acontece, geralmente essas crianças não têm esse acompanhamento em casa. Exemplo: Se eu tiver uma criança que ela realmente saiba matemática e tenha uma facilidade para aprender matemática, mas eu como mãe não tenho tempo de ensinar ela, dá para ela ir ao reforço; agora uma criança que não tem noção nenhuma, *pra* ela ir *pro* reforço, geralmente ela vai permanecer. (Psicopedagoga da Escola São José, 2018).

Corrobrei com a fala dela, comentando que: “Ainda mais se essa criança não tiver a observação dos pais em casa” e ela continuou:

[...] E geralmente é o que não tem. Então, quando pensamos em dificuldades de aprendizagem, é importante pensar que elas não estão somente ligadas à escola, pois existem muitos outros fatores, além disso. Aqui na escola (São José) por exemplo, a gente tem a cultura de: crianças com dificuldade na leitura e/ou na escrita (no caso do ensino fundamental) ou temos casos de adolescentes que estão ruins em Física ou Química, etc, mas aí a gente levanta as possibilidades de observação sobre esses alunos do ensino médio, questionando por exemplo: *A família se faz presente na escola? – Não; Esse adolescente costuma trazer todos os materiais? – Não; Esse adolescente é faltoso? É. Esse adolescente é participativo? Não. Esse adolescente faz as atividades de casa? Não.* Aí quando chamamos os pais para uma conversa, eles afirmam que fazem de tudo e eu fico me perguntando: “mas o que é esse *tudo*?” (Psicopedagoga da Escola São José, 2018).

As dificuldades de aprendizado para esses seres em desenvolvimento podem ser tanto um fator de dificuldades cognitivas quanto a falta de ânimo em estudar, em participar, levar os materiais escolares.

Os pais têm que tentar motivar seus filhos, que é o que eu e a terapeuta ocupacional fazemos, que é: pelo menos a cada dois dias da semana, fazemos algum tipo de trabalho emocional. Eles param de ter aula de qualquer

disciplina e a gente começa a trabalhar: a emoção, as dificuldades, como eles se percebem. Porque até quando a gente entra na universidade, a gente tem que aprender a se virar, porque somos coagidos a isso, mas nós quando estamos entrando na universidade, já estamos aprendendo a ter uma maturação maior de como lidar com essas dificuldades, já *os* adolescentes não, e quando a gente coloca isso para as crianças, aí é mais pesado ainda. Se por exemplo, você for fazer uma entrevista com alunos do 9º ano, uma grande parte *vai* responder de forma redundante, exemplo: “ah, mas é porque eu não sei”, “ah, mas eu não consigo”. A fala deles é muito parecida. E já aconteceram situações que chegaram aqui onde os filhos *governam* os pais, então eles nos pedem muita ajuda de como lidar com seus filhos, porque às vezes, esses pais são do tipo que passam o dia trabalhando, mas quando esses pais chegam do trabalho, eles têm como cuidar do filho, embora seja cansativo. Então, é uma situação que para a escola tem sido difícil, mas que temos que saber como trabalhar da melhor forma possível, porque senão, os professores cansam, a direção e a coordenação da escola cansam, os alunos cansam e aí que vêm as demasiadas notas baixas e a cada nota baixa, o aluno perde a confiança nele. (Psicopedagoga da Escola São José, 2018).

Então, à vista do olhar da psicopedagoga, as escolas deveriam seguir uma linha de aproximação dos pais com a escola. E inclusive fez uma crítica de que:

Hoje em dia existem muitas escolas onde os pais nem precisam se fazer presentes para saber do rendimento escolar dos filhos, pois possuem sistemas *online* e isso será um problema muito maior no futuro, principalmente para nós que trabalhamos as relações humanas e sociais, porque se ainda trabalhando esse processo nas reuniões e conversas “frente a frente”, “olho no olho”, “corpo a corpo” com pais é difícil, imagine se daqui a algum tempo tudo ficar em um acompanhamento à distância e sabemos que a globalização traz mudanças boas, claro, mas se formos colocar isso dentro das dificuldades, isso fica mais eminente ainda. (Psicopedagoga da Escola São José, 2018).

É importante ressaltar aqui, tanto pela fala da psicopedagoga da escola quanto pelas pesquisas feitas na internet, procurando os *sites* das escolas onde os alunos entrevistados da Escola São José relataram já ter estudado - que a cada vez mais a escolas, principalmente as privadas mais conhecidas e maiores têm investido nesse endereço virtual como uma rede de monitoramento para os pais compreenderem melhor sobre a imagem da escola.

E a psicopedagoga falou um pouco sobre o projeto onde ela e a terapeuta Ocupacional da escola trabalham as: Ações afetivas, Ações Sociais e Ações Pessoais (ou de relacionamento) tanto com os alunos quanto com as suas famílias e explicou sobre cada:

Com as ações afetivas, tentamos trabalhar as relações aluno-professor, exemplo: posso não gostar de matemática, porque não gosto da minha professora ou eu posso gostar de matemática, porque mesmo eu tendo dificuldades, sei que ela vai me ajudar. Então, eu posso não saber matemática, mas sei que eu posso estudar matemática por causa da professora. Quando falamos dessas ações relacionadas aos adolescentes, isso é muito forte porque têm muitos que não gostam da disciplina porque não

gostam do professor e isso é muito complicado porque se ao aluno tende a ignorar a disciplina por causa do professor, ele acaba se prejudicando. Quando ouvimos muitas críticas de um professor, não chamamos este numa sala fechada, nós chamamos a turma e conversamos. Se por exemplo, em uma sala de 20 alunos, 15 não estão conseguindo entender, nós chamamos esse professor e relatamos como o trabalho dele está sendo visto pelos alunos. E a partir daí tentamos juntar essas relações dos alunos com esse professor, para que a partir daí eles possam escrever uma nova história em sala de aula. (Psicopedagoga da Escola São José, 2018).

Com relação a essa fala e analisando que as ações afetivas que podem ser tanto positivas quanto negativas, é visível aqui o caso da aluna Laura⁶² na situação de se prejudicar nos estudos de geografia porque, de acordo com ela, o professor não sabe explicar, ao mesmo instante em que ela gosta bastante das suas aulas de matemática porque gosta das aulas da professora.

Nas ações sociais entra a discussão que é muito comum - o aluno perguntar “porque eu tenho que estudar química, física, matemática, filosofia, sociologia?” – “no que isso vai me ajudar na vida adulta e aí, a gente joga à reflexão deles “qual o papel da escola na sua vida, enquanto ser, enquanto cidadão? Por quê tu vais precisar do português, sociologia, filosofia, arte na tua formação?” e aí, trabalhamos essas questões junto com as responsabilidades. Quando a escola não tem esse olhar (e olha que mesmo com esse olhar, todos temos dificuldades), ela se perde, porque o professor não vai parar a aula dele para lidar com as relações de sala de aula. E às vezes o professor sai da sala de aula tão decepcionado com a turma que ele fica pensando: “*Eita*, amanhã ainda vou de novo pra essa turma?”. (Psicopedagoga da Escola São José, 2018).

Nesse ponto das ações sociais, a escola São José tenta trabalhar com os alunos que todas as ciências são importantes e que mesmo que muitos não gostem de algumas ou de todas, é preciso tentar compreender o papel do professor, que está ali tentando passar seu conteúdo da melhor forma que pode e que ele e inclusive é um indivíduo que tem outras responsabilidades, outras escolas, outros projetos e etc. Então, ao olhar da psicopedagoga, é importante conversar inclusive com o professor, porque ele também não ouve só coisas boas em sala de aula, principalmente quando se lida com adolescentes.

E ela acrescenta que além de trabalhar com isso na escola, quando necessário, convida os pais a uma conversa também, para tentar trabalhar a educação familiar, ética e moral em casa, com os filhos.

E quando a gente vê aquele aluno que respeita o professor, que dá valor ao professor, a gente sabe que tem uma família que possivelmente trabalha com os ensinamentos morais e éticos, que dialogam com esses filhos. Agora os pais que geralmente não frequentam a escola para saber como seu filho está se comportando e quando vêm são só para reclamar, esses filhos são os que

⁶² Nome fictício.

mais têm históricos de briga com o professor, de alunos que não prestam atenção. (Psicopedagoga da Escola São José, 2018).

E como ela notou, são vários problemas que fazer gerar as dificuldades ou falta de interesse nos estudos desses jovens.

E o terceiro ponto é referente às *Ações de Relacionamentos*- dos alunos com eles mesmos. Ela ressaltou que:

O que mais os diversos tipos de mídia vêm nos mostrando são casos de alunos entrando em discórdia entre eles mesmo, seja por agressão verbal, física; já tiveram casos que alunos levaram arma branca, arma de fogo para se vingar de outro; a questão do *bullying*, do *cyberbullying* e que às vezes, não é dada a importância quando se começam esses comportamentos que eles costumam chamar de “brincadeira”. Por exemplo, aquele aluno que é chamado de “gordo”, “aquele aluno que é chamado ao quadro e toda vez ele erra, aquele aluno que só tira nota baixa ou aquela aluna que é magra e é chamada de “magrela”. Esses padrões sociais pesam muito para os adolescentes e se a gente conseguir ensinar a eles que as diferenças existem e devem ser respeitadas, que não se precisa ser um padrão para ser feliz, vai ser muito melhor. (Psicopedagoga da Escola São José, 2018).

O aluno identificado como Ricardo Mendes relatou a aversão à sua turma passada, por se sentir inferior nesse meio e que atualmente só há uma pessoa que faz ele se sentir mal.

Além desse projeto das três ações, há outro que foi completamente elaborado somente por ela e pela terapeuta ocupacional, que é o “Projeto de Pais” - o qual infelizmente, ela disse que não existe em forma documental, apenas em forma de *slides*, porque ela apresenta aos pais dos alunos a cada vez que acontecem as reuniões de início de ano. Ela me explicou que este é um projeto escolar e psicopedagógico, portanto, envolve toda a escola (coordenação, direção e professores), em diálogo com os pais.

Em suma, fazendo uma perspectiva geral da escola, ela explicou que são poucos os casos de reprovação, porque a escola busca estratégias de prevenção como, por exemplo, o exercício desses projetos, porém reconhece que há muitos casos de alunos com dificuldade escolar e devido a isso, muitos desses acabam sendo inseridos no conselho de classe, o que conseqüentemente os ajuda a serem aprovados. Explicou também que a reprovação direta ou repetitiva é *proibida* pela Constituição Federal de 1998, mas que também o conselho só pode ser usado uma vez, portanto, nos casos mais graves, de alunos com extremo grau de dificuldades, seus pais são convidados a dialogar com a escola, pois se não aceitarem, não reconhecerem que seus filhos possuem algum tipo de limitação que pode ser melhorada com a ajuda de profissionais, eles (os pais) são aconselhados a assumir e a assinar um termo de responsabilidade.

3.3 O olhar de alguns professores da Escola São José acerca do corpo discente e da Instituição

Além dos olhares das psicopedagogas e dos alunos, é necessário entender principalmente o que os professores (as) pensam a respeito das dificuldades dos alunos e das alunas. Para tanto, foi cabível unir aqui neste tópico os olhares dos docentes - tanto da Escola São José quanto do Instituto Possibilitar, tal como assim fiz em relação aos olhares dos alunos e das alunas de ambas as Instituições.

Tal como sugerido por Beaud e Weber (2007, p.97.), na fase 3 da investigação etnográfica é necessário *escrever e analisar* acerca de todas e quaisquer informações que envolvem a pesquisa, sejam inclusive boatos de tudo que é ouvido até mesmo pelos próprios professores. Deste modo, a seguir aparecem relatos paralelos tanto de alunos quanto de alguns professores.

Ao seguir uma lógica organizativa da qual se desencadeou o trabalho, primeiro a exposição dos professores da Escola São José e em seguida as opiniões de um professor do Instituto Possibilitar. Até porque, é de suma importância evidenciar que os agentes foram questionados de maneiras diferentes - tal como nos questionários com os alunos, dependendo da *posição social* da Instituição. Devido ao fato do Instituto Possibilitar ocupar uma *posição* de “reforço” (isso é mais bem explicado no relato da psicopedagoga), foram feitas duas perguntas complementares ao professor do Instituto, enquanto que com os dois professores da ESJ responderam a uma única questão.

E perguntei ao professor de Química da Escola São José⁶³ se aceitaria ser entrevistado para uma pesquisa monográfica e ao ouvir a afirmação dele, fiz somente uma pergunta: “Como você avalia o desempenho escolar acerca dos alunos considerados de ‘baixo rendimento escolar’?”

Aqui na Escola têm muitos casos de alunos com baixo rendimento, seja por algum transtorno (nem sei se posso classificar dessa forma, porque é preciso de algum laudo médico) ou por vergonha de questionar sobre suas dúvidas ou apenas falta de interesse. Na turma do terceiro ano é o que mais se encontra. Têm uns dois meninos, que vi até aqui, conversando com você, são o Ricardo Mendes e o José que eu acredito que eles devem ter alguma patologia psíquica, mas as famílias deles não investigam e nem falam do assunto. Há também os casos de falta de interesse somados à preguiça, como eu já falei, né? (Professor de Química, 2018).

⁶³ A entrevista aconteceu na escola e no mesmo dia das entrevistas com discentes: 11 de abril de 2018.

Foi feita a mesma pergunta à professora de matemática desta escola⁶⁴ e essa afirmou:

A mãe do Ricardo já foi convidada a conversar com a direção e com a psicopedagoga da escola e essa mãe insiste em afirmar que seu filho não tem nenhum “distúrbio” ou qualquer outro problema. Conheço o pai dele e sei o quanto ele trabalha e por mais que ele chegue com o filho aqui, seja o professor dele de Física da escola, ele mal tem tempo para si. Sai de uma escola na correria a outras. (Professora de Matemática, 2018.)

Como já dito no discurso do pai deste aluno, a mãe fica responsável em educar aos filhos em casa e se dedicar a participar das reuniões na escola, devido ao fato do pai deste trabalhar demasiadamente.

Mas, outro caso que essa professora considerou importante descrever foi sobre o outro aluno que também, provavelmente, deve ter alguma limitação psíquica - o José Silva. A professora disse que tal como a mãe do Ricardo, a mãe deste também não reconhece que o filho possa estar inserido em um quadro de alguma patologia psíquica, a qual ela mesma classifica como: “uma probabilidade de autismo” e se não buscar ajuda fica mais difícil de identificar, portanto, tratar. Desse modo, a situação acabará por se refletir nas notas.

Dialogando com dois professores, estes falaram que o aluno José se faz presente, mas não consegue aumentar suas notas e que esse aluno precisa ser avaliado psicologicamente, pois ele deve ter *déficit* de atenção ou outra limitação que o impeça de até mesmo compreender as aulas. Os professores ficaram receosos de relatar que o aluno tenha um pequeno grau de autismo, pois como eles disseram: “isso precisa ser avaliado por uma pessoa especialista na área”.

Outro relato da professora de Matemática da Escola São José chamou a atenção, já que esta faz uma dura crítica ao Diretor da Escola:

O diretor da Escola não considera muito os eventos de aprendizagem que todos nós professores organizamos. Ele acredita que a educação só pode acontecer se for através de aulas cotidianas. Então por exemplo, se para determinado dia está marcada alguma feira, como a das Nações ou Feira de conhecimentos, a feira fica para o turno da tarde e pela manhã acontecem aulas para esses mesmos alunos que à tarde ainda vão apresentar trabalhos sobre culturas e tantas outras coisas e dá para perceber que gera um cansaço maior nesses jovens, além privar eles de momentos mais espontâneos, que é o que poderia ajudá-los a quem sabe aprender muito mais. Por isso, tenho percebido também que ultimamente vem acontecendo muita evasão escolar aqui, pois os filhos, provavelmente reclamam aos pais que estão se sentindo

⁶⁴ Que antes de lecionar nessa escola, já foi professora de um dos alunos da Escola São José (do Ricardo Mendes) em um reforço escolar no bairro onde ambos residem.

cansados de muitas aulas e pouco rendimento. Em reuniões já fomos chamados a atenção de que não devemos passar tantos filmes em sala de aula; eu não digo que eu vá me abster de dar aulas e passar somente a filmes, mas também considero importante uma vez ou outra passar algum filme ou documentário. Agora, imaginemos uma aula de Literatura, por exemplo, que se pode levar à discussão várias temáticas através de documentários, filmes, reportagens e esse tipo de atividade é privada pela própria direção da escola. Esse diretor na verdade é apenas dono do estabelecimento e age como tal. Educadora era a mãe dele, a dona da escola, que infelizmente já faleceu. Ela tinha formação em pedagogia e trabalhou até enquanto pôde; dava aulas, observava os alunos e se mantinha atualizada quanto às normas de educação previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB. (Professora de Matemática, 2018).

3.4 O reforço escolar à vista da psicopedagoga e de um professor do Instituto Possibilitar

A ideia de “Reforço Escolar” para a psicopedagoga ⁶⁵ precisa ser rompida, pois:

O “reforço” não é somente para se cumprir ‘atividade-tabela’ e sim para se identificar qual o tipo de dificuldade do seu aluno e trabalhar seu aluno no todo. Porque quando um pai ou uma mãe traz seu filho em um reforço e diz que seu filho está com dificuldade em matemática, ele quer que o filho seja ensinado só matemática e não pode estudar só matemática. Ele não precisa só da Matemática. Eu considero muito importante todos os dias dar um *feedback* para os pais, quando eles vêm buscar seus filhos, mesmo que eles não perguntem, porque se não, quando tiram uma nota baixa, eles vêm tudo em cima. É preciso também compreender que ele não depende só da área cognitiva, depende da área social, emocional, ou seja, ele depende de outros fatores, como: o orgânico, porque ele depende de um sistema orgânico saudável. Será se ele está saudável?, será se esse jovem, essa criança não está com uma Imperatividade ou uma ansiedade muito grande, (psicopedagoga e proprietária do Instituto Possibilitar, 2018).

Como explicado pela psicopedagoga desta instituição, é preciso refletir sobre a ideia de “reforço escolar”, que por muitos, principalmente pelos pais de alunos é vista como “a salvação” do rendimento escolar de seus filhos que se encontram em um caso de fracasso escolar. Ela descreve essa situação porque, como explicado por um dos professores de seu estabelecimento de ensino, o “Instituto não nasceu com uma proposta de repente fazer com que o aluno tire notas boas”; essa Instituição nasceu com o intuito de diagnosticar os casos patológicos que podiam estar interrompendo os níveis de percepção cognitiva desses alunos.

O relato de um professor do “reforço escolar” ou Instituto Possibilitar⁶⁶, sobre o desempenho escolar dos alunos, mostra por sua vez que:

⁶⁵ Psicopedagoga e proprietária do Instituto Possibilitar. Já teve experiência com crianças em suas fases iniciais e como professora de faculdades da cidade de São Luís.

⁶⁶ Essa entrevista foi realizada no Instituto Possibilitar no dia 15 de junho de 2018.

No Instituto tem alunos de vários perfis: tem aqueles que chegaram com notas baixas na escola, outros que os pais não têm tempo de acompanhar o desempenho escolar dos filhos e temos outros que apareceram mais interessados na área de saúde psíquica também, buscando laudos sobre TEA (Transtorno de Espectro Autista) e outros que acabaram ficando com a gente para garantir esse desenvolvimento cognitivo. Agora, assim, pelo desempenho escolar, a gente avalia pelo resultado que a escola oferece; o que está acontecendo? Muitos dos que têm o desempenho mais fraco ou em relação aos outros – é pelo momento que eles estão passando numa esfera fora do mundo escolar. Aqueles que não têm nenhum comprometimento – tanto orgânico quanto emocional, a gente percebe que há uma melhora considerável nas suas notas, reflexões, interpretações e no seu desenvolvimento intelectual. Então, a avaliação do desempenho é feita a partir de suas especificidades, levando em consideração a particularidade de cada um, de todos eles, porque *alisão* pessoas com situações totalmente diferentes. Têm outros que já tinham uma condição de nota boa, entretanto, os pais matricularam com o argumento de que elas estavam ruins, mas quando avaliamos as notas desses alunos, variam de 8 pra 9, mas buscamos avaliar de acordo com o modo que o discente chegou e como ele está no momento – sempre acompanhando as etapas – e não querendo igualá-los em padrões intelectuais ou padrões educacionais que a escola pretende, porque às vezes, a escola faz isso e acaba desestimulando. (Professor do Instituto Possibilitar, 2018).

Quando questionado se diante dos esforços do Instituto, os alunos têm demonstrado mais interesse em estudar, se eles melhoraram suas notas ou permanecem no mesmo quadro, ou pioraram, o professor respondeu que:

Primeiro ponto: é encarar as especificidades. Têm uns alunos que já consideram o reforço como algo que é necessário para o desenvolvimento deles dentro da escola, porque a escola trabalha com notas. E as escolas onde esses meninos estão inseridos são altamente técnicas e conteudistas, logo são escolas que ficam ali pelas redondezas do Calhau. Agora, o interesse acaba deixando um pouco a desejar no sentido em que alguns estão altamente desestimulados com os conteúdos que são passados. – Primeiro: porque os livros são altamente resumidos, o que já não é bom; segundo: às vezes, o aluno tem alguma implicância com o professor; terceiro: a família pressiona. Então, não percebo aquele estímulo na maioria, mas os mais velhos, que já estão praticamente saindo, já percebem a situação de estudo extra é muito interessante para que eles possam conseguir um êxito ao final do ano letivo. E sobre: as notas melhorarem – a maioria sim. Cerca de 90% melhoraram suas notas, até porque nós trabalhamos com essas metas. Nós pegamos o histórico do Antes da entrada no Possibilitar e Durante, a partir daí vamos acompanhando o desempenho. Entretanto, o nosso foco de trabalho não é relacionado às notas, é relacionado com as capacidades de: interpretação, assimilação e de aprendizagem do discente, porque às vezes, as notas mascaram realmente do que realmente é na realidade, naquele contexto da disciplina. A gente sabe que têm muitos que usam de artimanhas para poder burlar alguma norma da escola e acaba tirando uma nota boa, ne? Outros não. Outros tentam continuar pelo seu próprio esforço, mas como a gente tem essa preocupação, a gente foca no trabalho de desenvolvimento intelectual do aluno e não só na questão da nota. Então acredito que nesse aspecto, os alunos melhoraram bastante e isso eu posso afirmar com 100% de clareza e 100% da turma. (Professor do Instituto Possibilitar, 2018).

Os relatos – tanto da psicopedagoga quanto do professor do Instituto Possibilitar revelam diferentes dimensões que a pesquisa e as análises sociológicas precisam

explicar, pois revelam os impasses na relação simultânea de cooperação/conflito entre as escolas e reforços escolares.

Do ponto de vista da proprietária, não cabe somente ao reforço escolar o papel de “fazer mágica” nos casos de alunos que estão com um nível muito baixo de aprendizado. É perceptível que esta assume uma defesa quanto à posição social a qual sua instituição ocupa no mercado educacional.

E no relato do professor deste instituto se revela a defesa ao ponto de vista da psicopedagoga da instituição⁶⁷, pois este faz uma crítica às escolas que, como ele classifica, “são muito técnicas e conteudistas”.

Assim, tanto a psicopedagoga quanto o professor defendem a ideia de que o baixo rendimento desses alunos é mais do que uma questão escolar, ou seja, é uma questão de desenvolvimento intelectual do aluno, o que conseqüentemente tende a refletir em suas notas escolares.

As falas deles revelam também que a análise sociológica precisa trabalhar tanto a dimensão escolar quanto social – isto é, da dimensão de possibilidades referentes ao potencial intelectual dos alunos e que tenham muita ligação às relações sociais; pois apesar de que a psicopedagoga e o professor tendem a reduzir isso a questões psicológicas, a “questão intelectual”, ou seja, a possibilidade de abstração e compreensão interligadas às questões de classe também, e para tal seria preciso relacionar isso com a própria origem social dos pais desses alunos e como eles constroem ou construíram o capital cultural deles.

⁶⁷ É importante ressaltar que as entrevistas aconteceram em momentos diferentes e de forma separada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises feitas sob as entrevistas as quais elaborei para o desenvolvimento deste trabalho e o uso de algumas teorias referentes às ideias de: *Estratégias, Habitus, Posição Social, Escolarização das Classes Sociais: elite e classes médias; Reforço Escolar e Dificuldades Escolares*, uma característica que foi observada durante as entrevistas é que a de que uma parte dos jovens entrevistados gostam de pelo menos uma língua estrangeira, que geralmente é o inglês ou espanhol. Tanto que costumam assistir a séries e a filmes estrangeiros na língua original. E como afirmam Michel Piçon e Monique Piçon-Charlot: “A aprendizagem sistemática de línguas estrangeiras é também escolar”. (2002, p.25), haja vista que é um tipo de educação - a cosmopolita. E esta pode ajudar nos benefícios das crianças e adolescentes que vivem em um mundo oriundo de diversidades e nacionalidades. “Assim, a regra é a imersão total, pelo menos em relação ao inglês – evidentemente para os jovens que não têm esse idioma como língua materna.” (PIÇON, PIÇON-CHARLOT, 2002, p.25).

Sobretudo, de maneira frequente, os professores organizam jornadas durante as quais, em todas as atividades, em toda a vida em comum das crianças, a conversação deve desenrolar-se em determinada língua, como o inglês ou o espanhol, inclusive nos momentos de lazer ou repouso. (PIÇON, PIÇON-CHARLOT, 2002, p.25).

Tal como afirmaram Piçon e Piçon - Charlot - uma boa metodologia para se ensinar línguas estrangeiras na escola é através de atividades dinâmicas e lúdicas. E de acordo com informações obtidas sobre a Escola São José (ESJ), seus professores de língua inglesa e de língua espanhola organizam uma “Feira das Nações” uma vez ao ano⁶⁸, onde o corpo discente apresenta sobre as diversas culturas do mundo, tanto que falam a língua inglesa quanto espanhola.

Brandão e Paes de Carvalho (2011) explicam no texto: “Processos de produção das elites escolares” (p.509-10) que, a cada vez mais tem se tornado frequente os casos dos pais ou responsáveis investirem o que for possível para o melhor desempenho de seus herdeiros, como estratégias de escolarização e nos casos do “não-melhoramento” no quadro escolar, esses jovens geralmente são encaminhados a novas escolas, tendo

⁶⁸ E neste ano de 2018, aconteceu no turno vespertino do dia 16 de maio. A escola toda foi envolvida nesse projeto, com a ajuda, inclusive de outros professores, para fazer a monitoria e votação da melhor equipe. Como o projeto envolveu somente o turno vespertino, ele envolveu somente as três únicas turmas do Ensino Médio: 1º, 2º e 3º).

que passar novamente por um período de readaptação. O que esses responsáveis muitas vezes não percebem é que essas mudanças frequentes de escolas, ao invés de favorecer o quadro escolar, pode muito mais trazer consequências ao rendimento desses indivíduos. Não basta mudar o estabelecimento de ensino, é preciso saber se é necessário mudar e o tempo certo. E

Isso exige um conhecimento do sistema de ensino em várias dimensões: domínio da situação social do estabelecimento, da orientação filosófica e pedagógica da educação proposta pela escola, disposição de tempo e a mobilização de um capital econômico e cultural. Ou seja, um conjunto de disposições interiorizadas e condições objetivas, que são repartidas de maneiras desiguais entre os grupos sociais. Nesse sentido a problemática da segregação escolar reúne objetos diversos, tais como: as estratégias familiares de “localização escolar”, as políticas de distribuição dos alunos dentro e entre os estabelecimentos escolares; ou ainda, o papel administrativo do Estado na produção e na reprodução dessas segregações (BEN AYED; POUPEAU, 2009, p. 6 apud CARVALHO FILHO, 2015, p.364).

Como observado durante as entrevistas com alunos - antes dos pais ou responsáveis pelas crianças e adolescentes inserirem estes na escola escolhida, eles analisam: os valores financeiros, os valores morais, pois durante a observação, pude perceber através de relatos das psicopedagogas da Escola São José e do Reforço Possibilitar – que os pais estão “transferindo” ao meio escolar - seja ele a Escola ou o Reforço Escolar, o poder de “responsabilidade” e “percepção/observação” acerca do comportamento dos seus filhos. Além desses fatores, outros que têm se tornado muito fortes são: o *status* social da escola, a proximidade da instituição com a residência ou com o trabalho de ao menos um dos pais, pois havendo esse espaço, o responsável pode deixar seu(s) filho(s) na escola a caminho do trabalho.

Utilizar como método de pesquisa a Entrevista, não torna o trabalho mais fácil de ser feito, por mais que pareça ser simples. *A priori* eu pensava que um questionário seria o suficiente para conseguir as informações necessárias da pesquisa, mas durante o processo desta, foi preciso adaptar o roteiro conforme cada aluno/cada aluna. Para alguns jovens, não foi preciso fazer tantas perguntas, pois entendendo os questionamentos e desenvoltura da pesquisa, foram abrindo sobre suas realidades; já para outros/as, foi necessário ser mais evidente e tentar desenvolver uma entrevista mais espontânea. Afinal, o pesquisador precisa aprender a lidar com a realidade, o contexto e a situação onde ele se encontra, pois é com esse *boom* de realidade que ele melhor passa a compreender sobre as dificuldades e os prazeres da pesquisa de campo.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. In:_____. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). Escritos de educação: Pierre Bourdieu. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. (1966) In CATANI, Afrânio e NOGUEIRA, Maria Alice (org.) Escritos de educação. 16. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence; **Guia para pesquisa de campo** – produzir e analisar dados etnográficos; Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida; revisão de tradução de Henrique Caetano Nardi. Petrópolis, RJ: vozes, 2007.

BRANDÃO, Zaia. LELLIS, Isabel. **Elites acadêmicas e a escolarização dos filhos**. Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 83, p. 509-526, agosto 2003.

BRANDÃO, Zaia; CARVALHO, Cynthia Paes de; Processos de escolarização das elites; Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 115, p. 507-522, abr.-jun. 2011 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> .

CARVALHO FILHO, J. L. **Segregação Espacial e Segregação Escolar: Notas para uma Sociologia da Distribuição Espacial e Social dos Estabelecimentos de Ensino** MEDIAÇÕES, LONDRINA. v. 21. N. 2, P. 359-380, DEZ. 2016.

CARVALHO FILHO, J. L. **Pierre Bourdieu, Edmond Goblot e a educação burguesa**; Revista Política e Sociedade – Florianópolis – Brasil; v. 14; n. 31; (p.180-199). JUL. 2015.

CATTANI, Antonio David. KIELING, Francisco dos Santos. **A escolarização das Classes Abastadas**. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jun./dez. 2007, p. 170-187.

COSTA, Leandro Augusto dos Remédios. **As "escolas de elite" de São Luís: escolhas, segregação e estratégias de distinção escolar** / Leandro Augusto dos Remédios Costa. - 2017. 141 p.

DURKHEIM, Emile; **A Educação Moral**; tradução de Raquel Weiss. Petrópolis. RJ. Vozes. 2008.

KAUFMANN, Jean – Claude. **A Entrevista Compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Revisão técnica de Bruno César Cavalcanti. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, Maceió, AL: Edufal, 2013.

LÔBO, Daniella Couto; **Sociologia de Bourdieu: Teoria de campo, Capital Cultural e Estratégias Educativas**; Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 9, n. 1, jun. 2016.

NOGUEIRA, Maria Alice. **A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias. - A ação discreta da riqueza cultural**. Revista Brasileira de Educação, nº 7, p.42-56, jan./fev./mar./abr., 1998.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Classes Médias e escolas: novas perspectivas de análise Currículo sem Fronteiras**, v.10, n.1, pp.213-231, Faculdade de Educação. Jan/Jun 2010.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Favorecimento econômico e excelência escolar: um mito em questão**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Tendências atuais da Sociologia da educação**. In: ____ Leituras e Imagens. [p.23-42]. 1995.

NOGUEIRA, Marlice de Oliveira e; **Pais professores e a escolarização dos filhos/ Marlice de Oliveira e Nogueira**. - UFMG/FaE, 2011.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. Sociologia da alta burguesia. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, n° 18, jul/dez, [p.22-37], 2007.

A Infância dos Chefes: A socialização dos herdeiros ricos na França. In A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREIRA, Gilson R. de M. **A Miséria do Mundo e as Faces da Exclusão Social e Escolar**. ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – PPGE/ME FURB ISSN 1809–0354 v. 3, n° 1, p. 89-101, jan./abr. 2008.

PEREIRA, Gilson R. de M; CATANI, Afrânio Mendes; **Espaço social e simbólico: introdução a uma topologia social**; Perspetiva. Florianópolis, v.20, n. Especial, p.10-120; jul./dez. 2002.

RIEDNER, Daiani Damm Tonetto. PEREIRA, Jacira Helena do Valle. **A Heterogeneidade das Elites Brasileiras e as Estratégias Distintas na Obtenção do Sucesso Escolar**. Editora Unijuí Ano 27 n° 87 Jan./jun. 2012. PDF. Acessado em: 08-09-2017.

SOUSA, Antonio Paulino. 3. Regra, Estratégia e Habitus. In: ____ **Economia, história e teoria da prática em Bourdieu**. Prefácio de Juarez Lopes de Carvalho Filho. – São Paulo: Paulistana; Brasília: Capes, 2015.

TRIGO, Maria Helena Bueno; **Habitus, Campo e Estratégia: Uma leitura de Bourdieu**. São Paulo. 1989. Disponível em pdf. Acessado em: 08-09-2017.

Sites / páginas das escolas privada onde os jovens estudam ou já estudaram

Colégio Ariane Maria. <http://www.qedu.org.br/escola/34056-colegio-ariane-maria/sobre>. Acesso: 15 de junho de 2018.

Colégio Batista Campus Renascença.
<https://www.facebook.com/pages/Col%C3%A9gio-Batista-Renascen%C3%A7a/174999692553720> . Acesso: 15 de junho de 2018.

_____ **Colégio Batista Daniel de La Touche.**
<https://www.facebook.com/ColegioBatistaDLT/>. Acesso: 15 de junho de 2018.

_____ **Colégio Educallis.** <http://educallis.com.vc/> . Acesso: 15 de junho de 2018.

Colégio Reino Infantil _____ <http://www.reinoinfantil.com.br/> . Acesso: 15 de junho de 2018.

Colégio São Marcos _____ <https://www.colegiosaomarcos.com.br/> . Acesso: 15 de junho de 2018.

Colégio São Vicente de Paulo _____
<http://www.csvpma.com.br/modulo.php#mostradorSobre> . Acesso: 15 de junho de 2018.

Escola Adventista Orlando Barreto – campus Bacabal.
<http://eaob.educacaoadventista.org.br/> . Acesso em 10 de janeiro de 2018.

Escola São José. <https://www.facebook.com/Escola-S%C3%A3o-Jos%C3%A9-1144100195619142/> . Acesso: 15 de junho de 2018.

Escola Raio de Sol - [https://www.facebook.com/escolaraiodesolsl/](https://www.facebook.com/escolaraiodesolsl/;);
<http://www.qedu.org.br/escola/43325-escola-raio-de-sol/sobre>. Acesso: 15 de junho de 2018.

Instituto Farina. <http://www.institutofarina.com.br/farina/>. Acesso: 15 de junho de 2018.

ANEXOS

Anexos A



Escola São José.
Fonte: MADEIRA (2018).



Escola São José. Fonte: MADEIRA (2018).

Anexos B (Instituto Possibilitar)

Fonte: MADEIRA, Juliana; 2018.



Fonte: MADEIRA, Juliana; 2018.



Sala 1 – Instituto Possibilitar
Fonte: MADEIRA, Juliana; 2018.



Sala 2 – Instituto Possibilitar
Fonte: MADEIRA, Juliana; 2018.